

2008

n. 5-6/ maio-junho

# **dma**

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



**Eu era  
estrangeiro...**

### ***DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora***

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

### **Diretora responsável**

Mariagrazia Curti

### ***Redação***

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

### ***Colaboradoras***

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

### **Tradutoras**

*francês* – Anne Marie Baud

*japonês* - ispettoria giapponese

*inglês* - Louise Passero

*polonês* - Janina Stankiewicz

*português* – Maria Aparecida Nunes

*espanhol* - Amparo Contreras Alvarez

*alemão* - ispettorie austriaca e tedesca

### **EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL**

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p.

47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via

Umbertide, 11 – 00181 Roma.

# Sumário

<b>Editorial</b>	<i>Semelhantes e próximos</i>	<b>4</b>
<b>Dossiê</b>	<i>Eu era estrangeiro...</i>	<b>5</b>
<b>A Lâmpada</b>	<i>Invoca o Espírito</i>	<b>9</b>
<b>O Evangelho na vida</b>	<i>A última página do Evangelho</i>	<b>11</b>
<b>Diálogo</b>	<i>A colina da paz</i>	<b>12</b>
<b>Fio di Ariadne</b>	<i>O acolhimento</i>	<b>14</b>
<b>Cooperação e desenvolvimento</b>	<i>Poços para a vida</i>	<b>17</b>
<b>Direitos humanos e vida consagrada</b>	<i>Somos de fato profetas?</i>	<b>19</b>
<b>Foto Click</b>	<i>As suas fotos mais bonitas...</i>	<b>21</b>
<b>Polis</b>	<i>A opinião pública e o consenso</i>	<b>23</b>
<b>Jovem.com</b>	<i>O Cyberbullying</i>	<b>27</b>
<b>O Ponto</b>	<i>Jovens migrantes</i>	<b>29</b>
<b>Estante Sites</b>	<i>Resenha sites Web</i>	<b>30</b>
<b>Vídeo</b>	<i>Reign over me</i>	<b>31</b>
<b>Estante</b>	<i>Resenha vídeos e livros</i>	<b>33</b>
<b>Livro</b>	<i>Metade de duas rúpias</i>	<b>34</b>
<b>Camilla</b>	<i>Estrangeiro, quem?</i>	<b>38</b>

## Semelhantes e próximos

Giuseppina Teruggi

Faz pouco tempo, foram concluídas as celebrações em preparação à festa anual da gratidão em torno do tema: *Lançar juntas a ponte da esperança*. Nos nossos olhos ficou a imagem da ponte que concretiza o projeto missionário de Dom Bosco e de Maria Domingas Mazzarello e que representa o caminho de comunhão e de abertura solidária em ato nas nossas comunidades e em cada uma de nós. A metáfora é sugestiva. Mas bem sabemos que não é fácil construir pontes. Porque isto comporta demolir muros. Traçar atalhos de unidade onde existem divergências. Sair de espaços restritos que dão segurança para abrir-se ao novo e ao imprevisto. Tornar o coração hospitaleiro e acolhedor.

No recente filme "A Zona", do diretor mexicano Rodrigo Plá, são confrontados um quarteirão residencial, *a zona* precisamente, e uma paupérrima favela. Um ladrãozinho do quarteirão pobre penetra na zona do bem-estar e cria agitação por parte dos ricos privilegiados e da polícia, que se desdobra para descobrir o intruso. Nenhum deles coloca em discussão a trágica disparidade de vida e as múltiplas injustiças que tanta gente suporta. Mas propriamente ali nasce a inesperada amizade entre o pequeno ladrão e o coetâneo filho dos ricos, que tenta salvá-lo. "Um sentimento puro, que nasce para além dos preconceitos. Somente os dois juvenzinhos conseguem ver-se como na realidade são: semelhantes e próximos".

Com freqüência são os pobres, os desvalidos, os pequenos que têm o carisma da acolhida, que descobrem a igualdade humana que faz emergir mais a semelhança que a diferença. Por isso, muitas vezes, os pobres, os pequenos, os simples são os nossos mestres e sabem intuir onde existe injustiça, medo, necessidade de segurança. Conhecem a solidariedade e a reciprocidade.

O fenômeno da mobilidade humana explodiu no mundo globalizado: um sinal dos tempos. Cada território já se assinala como mosaico de culturas diferentes e somos chamados a viver lado a lado com imigrantes, refugiados, estrangeiros que pedem um espaço de vida e de relações para si e para os seus entes queridos, não obstante as demoras legais que tendem a impedir os fluxos migratórios.

No Instituto, há alguns anos está-se levando adiante o projeto *Por uma casa comum* na diversidade dos povos. As nossas comunidades são chamadas a ter olhos e corações abertos a este fenômeno planetário, novo, complexo. A contribuição a ser oferecida pode ser limitada, mas não podemos eximir-nos da sensibilização ao problema e da procura ativa de caminhos para resolvê-lo. Como comunidades educativas, como família salesiana, em rede com homens e mulheres empenhados nas mesmas fronteiras.

Tencionamos realizar "tudo isso – precisa o projeto – para que o diálogo possa incidir nos vértices, mas a partir da base, das relações habituais da vida cotidiana, onde a convivência pacífica e a harmonização das diferenças são mais espontâneas e concretas e fazem sentir aquele calor de caridade que alarga o coração e devolve o gosto de viver".

Maria, mulher que viveu o exílio e a exclusão, nos provoca a intensificar gestos de acolhida em particular com relação às mulheres, às meninas, aos meninos indefesos que moram nos nossos quarteirões e que chegam às nossas casas.

[gteruggi@cgfma.org](mailto:gteruggi@cgfma.org)

## Eu era estrangeiro...

Mara Borsi – Lucy Roces

**Quando chegarmos a nos amar sem olhar a cor da pele, a religião que praticamos; quando descobrirmos que temos grandes riquezas de mente e de coração, de fé e de cultura, aquele dia será um dia especial, único. Porque seremos capazes, então, de apertar nossas mãos.**

**A mobilização humana, fenômeno que caracteriza a sociedade globalizada, não interpela somente do ponto de vista político, econômico, social, mas também do ponto de vista cultural e pastoral.**

Maria é uma adolescente sudanesa de 13 anos, que fugiu do seu país com a família e se refugiou no Cairo (Egito). Está à espera para saber qual será a sua nova destinação: Estados Unidos, Canadá ou Austrália. Pertence à paróquia de Sakakini: um pedaço da África negra no interno de um mundo árabe desconfiado.

A diferença de raça, religião, língua e costumes, a falta de reconhecimento dos mínimos direitos de sobrevivência, fazem de Maria, como de tantos outros na sua mesma situação, uma pessoa em trânsito, em busca de hospitalidade. As suas referências continuam a ser as do seu povo que a cada dia se reúne no pátio da paróquia diante de dois cartazes em branco nos quais alguém escreve os nomes e sobrenomes dos venturosos que dali a pouco partirão para uma nova vida. Partida que se segue ao reconhecimento do *status* de refugiada e, portanto, à reaquisição da própria identidade.

Paulina é uma jovem do Equador que após seis anos de lutas para sobreviver e de esforços para conseguir a documentação, finalmente obteve a permissão para permanecer na Espanha e, portanto, com a possibilidade de voltar ao seu país sem a angústia de não poder mais reentrar na Europa. São seis anos sem ver a família. Seu patrão continuamente a havia impedido de ter acesso a alguns documentos em tramitação com o Ministério. O seu pedido de regulamentação foi continuamente recusado e quando pedia explicações, o patrão respondia que isto não cabia a ele.

Estas breves histórias de vida mostram que apertar uma mão assim como um documento, predispõe ao encontro e diminui os medos recíprocos.

As comunidades FMA também estão empenhadas em socorrer, nos diversos contextos, os emigrantes que encontram dificuldades para sobreviver, achar um trabalho digno e uma casa onde morar; em defender suas causas no interno de cada País que os acolhe, colaborando com quem luta para obter leis que favoreçam a melhoria da vida dos migrantes e a sua integração social. O empenho pastoral na mobilidade humana dilata as fronteiras do coração e da mente derrubando os preconceitos que impõem limites às pessoas e mostra como a presença do outro é uma preciosa oportunidade para se descobrir a beleza das relações respeitadas e cordiais com o diferente.

Nos contextos onde a chegada dos emigrantes parece ser contínua, as comunidades FMA testemunham o evangelho com uma acolhida simples e familiar, típica do espírito salesiano.

### **A miragem da “terra prometida”**

As comunidades FMA dos Estados Unidos sempre cultivaram a proximidade aos migrantes. A sua história começa de fato com o pedido do Padre Felice Cianci a Madre Caterina Daghero de enviar quatro missionárias para responder ao grande fluxo de emigrantes provenientes da Itália. A terra prometida e sonhada revelava-se uma amarga realidade, muito bem expressa nas palavras deste velho ditado italiano do fim do século XIX: «Vim para a América porque havia ouvido falar que as ruas eram asfaltadas com ouro. Quando cheguei percebi três coisas: primeiro, as ruas não

eram asfaltadas com ouro; segundo, não eram totalmente asfaltadas; terceiro, esperavam-me para asfaltá-las».

A vida das primeiras FMA nos Estados Unidos não foi fácil, antes, muito semelhante à dos emigrantes. Casas ruinosas, muita fome e pobreza. Mas Deus abençoou os sacrifícios e pouco a pouco abrem-se escolas, oratórios, orfanatos, centros para a catequese e atividades de apoio às famílias dos emigrantes italianos. Hoje o rosto da imigração nos Estados Unidos mudou: da predominância européia das primeiras décadas do século XX passou-se à latino-americana (42%) e à asiática (35%) dos nossos dias. Não mudou, porém, a escolha das FMA de estar ao lado dos mais pobres. No próximo mês de julho ocorre o centenário da chegada das primeiras missionárias aos Estados Unidos e a proximidade às famílias e aos jovens migrantes constitui a peculiaridade da inculturação do carisma salesiano nesta terra que continua a ser sonhada por muitos como “a terra prometida”.

A experiência da comunidade de Miami e de Portchester abre uma brecha sobre a realidade das missões das FMA ao lado dos migrantes.

Miami (Flórida) desde os anos Cinquenta acolheu emigrantes cubanos que depois da tomada do poder por Fidel Castro aumentaram notavelmente. Entre 1965 e 1973 diariamente partiam de Havana para Miami os famosos “vãos da liberdade” motivo pelo qual, a cidade é denominada a pequena Cuba. Também hoje, Miami continua a acolher emigrantes provenientes de toda a América Latina e a integração entre as diferentes culturas presentes na cidade não é nada fácil. Existem, todavia, sinais positivos, como nos relata Ir. Patrícia Roche, diretora da Escola Superior Imaculada-La Salle: «A nossa população escolar é constituída por 83% de estudantes latino-americanos. Os filhos dos exilados cubanos já estão bem integrados; pertencem à classe média e média alta. Alguns deles são voluntários e nos ajudam no trabalho com os jovens e as jovens que chegam da Guatemala e pertencem à cultura Maya. Por meio do projeto *Escolinha Maya*, oferecem-se várias atividades, as duas mais importantes são: o apoio escolar e as colônias de férias. Os voluntários da nossa escola constroem relações verdadeiras e adequadas com estes jovens e os ajudam a orgulhar-se da própria cultura indígena e, naturalmente, oferecem-lhes os instrumentos para que se insiram num contexto tão diferente. Os voluntários tornam-se, assim, verdadeiros e autênticos modelos positivos que ajudam os jovens emigrantes a não se deixar atrair pelas *gangs* (bando juvenil)».

Uma outra frente de ação é a tutela dos direitos. Por meio dos Ex-alunos da escola, recentemente pudemos evitar a repatriação de uma menina de 14 anos, nascida na Guatemala, que corria o risco de ser mandada de volta para o seu País, sozinha, sem a família. Os pais tinham realmente a permissão de ficar porque os irmãos menores nasceram nos Estados Unidos e, apenas ela, segundo a lei, seria repatriada.

Ir. Agatha Cosentino, diretora da Escola *Corpus Christi* situada em Portchester (Nova York), confirma que a ajuda oferecida aos imigrantes passa por três caminhos: a educação, o apoio financeiro e a assistência médica.

Pela experiência feita nestes anos Ir. Agatha sustenta que a educação continua a ser o melhor modo de favorecer a integração. A ajuda financeira passa, ao invés, pelas diversas fundações e organizações, que se propõem a apoiar as famílias, sobretudo. Ir. Agatha, a respeito da assistência médica, relata o seguinte: «No ano passado, uma mãe peruana com dois filhos, ficou grávida. Como não tinha assistência médica pediu-a ao Governo, que a recusou. Dirigiu-se a nós e procuramos o serviço da diocese *pelo respeito à vida*. Poucas semanas depois conseguiu-se o seguro que permitiu a Glória obter a assistência para ela e para a criança». Ir. Agatha conclui o seu testemunho afirmando que o trabalho com os imigrantes requer tempo, fadiga, empenho, «mas, é este o trabalho que Deus nos pede hoje: educar os pobres e os necessitados».

## Fotografias

Uma coleção fotográfica dos alunos da escola “Rosa Luxemburg” de Aubervilliers, exposta numa galeria de fotos, mostra a outra face da periferia de Paris. As imagens de rostos sorridentes narram as histórias daqueles que dizem *não* à violência e à guerrilha urbana.

O rosto de Moussa revela toda a sua satisfação porque depois de tantas histórias brutais voltou aos bancos da escola, com 25 anos. Vanessa na foto está com o seu avô, que vive na *banlieue*, desde 1931; é graças ao avô que ela ama a periferia.

Lyes, ao invés, abraça forte sua mãe; vivem com 308 euros por mês, o pai está gravemente enfermo. Fily, da Costa do Marfim, uma montanha de um metro e 95, é o melhor amigo das meninas. Hugo, o angolano do milagre, último entre os últimos, sem casa nem família, obteve a nota máxima e mostra o seu diploma.

Benjamin, franco-argelino, é fotografado com a sua inseparável mochila: é apelidado ‘o intelectual’, porque na mochila há sempre um livro. Todos os jovens em primeiro plano, descontraídos. A mensagem é clara: *podemos ficar famosos continuando a ser nós mesmos, sem precisar participar das guerrilhas urbanas.*

Na crítica situação francesa, as FMA também estão presentes em primeiro lugar ao lado das crianças, adolescentes, jovens e famílias. Ir. Virginie Merel e Ir. Valentine Delafon são duas jovens religiosas francesas. Em Lyon colaboram nas atividades da Associação Valdocco, fundada pelo Salesiano Jean Marie Petitclerc, há uma década empenhado na educação dos jovens em situação de risco.

## O trabalho de rua

Ir. Virginie e Ir. Valentine deparam-se com crianças, adolescentes e jovens, sobretudo de outras culturas. De múltiplas procedências: África do Norte (Marrocos, Tunísia, Argélia), África Ocidental (Gabon, Costa do Marfim, Senegal), Turquia, Países do Leste Europeu (Rússia, Romênia). Ir. Virginie relata: «Assim que cheguei a Lyon comecei o trabalho de rua num quarteirão periférico do norte da cidade, junto com um Salesiano. A primeira etapa prevista do trabalho era a análise do quarteirão, com a observação das necessidades e dos costumes das crianças e adolescentes. Que escola frequentam? O que fazem no tempo livre? Onde se reúnem? Qual é a sua religião? Qual é o nível social das suas famílias? Foram as perguntas que guiaram a pesquisa do quarteirão.

Em novembro passado pudemos organizar pela primeira vez uma tarde de jogos na rua. É muito importante dar-nos a conhecer para tranquilizar os pais e vencer suas desconfianças. Trabalhar na rua é exigente, é um outro modo de encontrar as pessoas. Não são mais as crianças, os adolescentes, os pais que vêm para uma estrutura e entram num mundo que não é o seu. Somos nós educadores que os alcançamos nos seus ambientes. A experiência destes meses me mostra que é um modo mais liberal de encontrar as pessoas, sobretudo as mães, que geralmente, não sabendo bem a língua, têm receio de expor-se. Pouco a pouco nestes cinco meses conquistamos a confiança dos adultos e o quadro das necessidades educativas está muito mais completo. Cada dia é um desafio, não é fácil encontrar adolescentes e jovens de uma outra cultura, de uma outra religião. Para mim a dificuldade maior é enfrentar a agressividade que trazem dentro de si e que se manifesta às vezes por um linguajar rude, por gestos desafiadores. Todavia, estou descobrindo a potência da relação educativa plena de Deus. Não falo de Jesus, mas ele está presente em tudo o que faço. Neste momento a prioridade é viver o evangelho junto com eles para que possam fazer experiência da Boa Nova».

Ir. Valentine expõe o trabalho que a Associação Valdocco faz com os adultos: «As famílias que encontro são constituídas em geral, por adultos que têm um diploma reconhecido pela própria Nação e competências adquiridas em várias profissões, mas que não conhecem a língua francesa. Quando chegam, tudo fica zerado. Não são reconhecidos os seus títulos de estudo e suas competências. Os primeiros meses são tão difíceis que chegam a aceitar qualquer tipo de trabalho para sobreviver. O sacrifício é grande e, com frequência, se transforma em revolta quando não conseguem melhorar as condições de vida. Se os adultos sofrem, muito mais ainda sofrem os seus

filhos. Há também famílias provenientes de Países que falam o Francês e que, precisamente por isso, têm boas oportunidades de inserção. Estas famílias permanecem na periferia apenas durante o tempo necessário para que sejam reconhecidas as suas possibilidades. Uma das maiores dificuldades a ser enfrentada por uma família de imigrantes é a lentidão da burocracia que precede o reconhecimento do direito de permanecer na França. A Associação Valdocco intervém através dos mediadores culturais e da criação de grupos de escuta; tenta-se assim construir o vínculo entre a rua, a cidade, a escola e a própria família.

Como inspetoria fma compreendemos que o melhor caminho para assegurar o futuro às jovens gerações que moram na periferia, é a instrução. Assim sendo, acolhemos em nossos liceus moças e moços estrangeiros da primeira e da segunda geração, asseguramos respeito pela sua religião e tradições culturais e oferecemos a possibilidade de compreender as raízes da cultura francesa e, sobretudo, de fazer uma experiência positiva. No início custou-me muito não falar explicitamente de Jesus. Com o passar do tempo compreendi, porém, que o meu papel era acreditar nos jovens e amá-los como Jesus os ama. Entendi a importância de humanizar e de restituir dignidade. O que me sustenta nesta missão é ter compreendido a centralidade do estrangeiro na Bíblia. Eu quero manter a porta aberta ao Deus que vem visitar-me e que quer visitar aqueles que batem à minha porta».

## **O estrangeiro que está à porta**

Neste momento histórico em que o estrangeiro bate de vários modos às portas das nossas comunidades, em que o migrante assenta aqui entre nós a sua tenda, não temos outra escolha senão compreender o significado desta passagem de época. E perguntar-nos que contribuição cada um de nós é chamado a dar a esta história comum que, para quem crê, nasce das raízes bíblicas.

A Bíblia relata antes de tudo o êxodo de Deus, a peregrinação de um Deus que procura uma terra hospitaleira. A pessoa humana é a morada terrena, a terra prometida de um Deus que vem, está à porta, bate e espera que se lhe abra (Ap 3,20). O Misericordioso sem casa procura casa. Cada um é o lugar do êxodo de Deus.

Mas Deus não invade, está à porta. E nesta procura de casa e de hospitalidade, surge um Deus estrangeiro no mundo, que vai e fica lá onde se lhe abre espaço. Eis porque se identifica com os estrangeiros, com os pobres, porque bem sabe o que significa procurar casa e não encontrá-la: «Eu era estrangeiro e não me acolhestes» (Mt 25, 43).

Um conceito tipicamente bíblico e espiritual afirma que a terra é de Deus. Todas as pessoas passam por aqui, trabalham, moram, amam, descansam, mas sem se apossar de um pedaço, sem jamais pensar em viver sozinhas. Como o pai Abraão, cada povo nasce migrante. Cada um de nós é viajante, é desarmado, leva às costas a sua tenda e não encontra uma morada definitiva nem para o seu corpo nem para a sua alma: por isso temos necessidade de acolher e de ser acolhidos. Todos nós vivemos como hóspedes. A oposição radical, a diferença decisiva, na Bíblia, não é entre o ter e o ser, nem mesmo entre viver ou morrer, mas entre o saber-se acolhido no mundo por alguém, ou o perceber-se no abandono.

A identidade da pessoa na Bíblia é ser criatura hospitaleira num espaço de dom. A dívida de existir paga-se somente tornando-nos, por nossa vez, pessoas acolhedoras, num espaço de amizade e de dom.

Na relação com os outros, a acolhida é a virtude cardeal e o referencial para o discernimento de uma postura que quer imitar a atitude misericordiosa e justa de Deus. A acolhida aos jovens migrantes e às suas famílias testemunha o cuidado de Deus, que protege e socorre os estrangeiros.

## **Justiça e pobreza**

«Homem, foi-te ensinado o que é bom e o que o Senhor exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a piedade e caminhar humildemente com o teu Deus» (Miquéias 6, 8).

Hoje, para muitos religiosos e religiosas, viver o voto de pobreza significa empenhar-se na prática da justiça. Tal prática não se inventa: realiza-se, aprendendo a ser pessoas justas. O voto é propriamente uma pedagogia para o aprendizado de um estilo de vida, que pode favorecer e antecipar uma história diferente. Certamente nós, religiosos, não podemos resolver todos os problemas das pessoas em dificuldade, porém, podemos viver o tempo que nos é dado com intensidade e, sobretudo, sintonizar com a lógica de Deus, vivendo a paixão profunda pela justiça, pelas mudanças históricas concretas pequenas ou grandes das relações com as coisas e com as pessoas. A teóloga Antonieta Potente afirma: «O voto de pobreza, ou melhor, de justiça é o empenho de toda uma vida para não trair o sonho de Deus. Não é voluntarismo, é colocar-se em sintonia com a paixão de recriar na história os vínculos e a harmonia que Deus colocou na humanidade e na criação. Este empenho não é simplesmente uma questão econômica, é uma lógica diferente nos confrontos da vida».

Tornar-se justos é uma das maiores urgências da humanidade e da criação e o devemos aprender tanto comunitária quanto individualmente. O significado do nosso voto de pobreza para o mundo atual consiste no apelo a um modo de relacionar-nos com as pessoas e com as coisas que não discrimine, não exclua. Somos interpeladas a viver radicalmente a vida religiosa fundamentando-a sobre a vocação para amar com ternura (castidade), para praticar a justiça (pobreza) e para caminhar humildemente com o nosso Deus (obediência). O que nos ajudará a ser sinais significativos há de ser a qualidade das relações impregnadas da ternura de Deus.

Interpretar o voto de pobreza à luz da justiça deveria ajudar-nos a doar de boa vontade o que temos, a trabalhar em favor de mudanças estruturais que tenham como objetivo a justiça, com a consciência de que viver pobremente é viver de modo justo.

[mborsi@pcn.net](mailto:mborsi@pcn.net)  
[srlmroces@cgfma.org](mailto:srlmroces@cgfma.org)

## A LÂMPADA

# Invoca o Espírito

## III passo da *lectio*

Graziella Curti

**Nós já fizemos dois passos preliminares: a procura de espaço e tempo propícios para escutar a Palavra e a preparação do coração para poder recebê-la e conservá-la.**

**Agora estamos no III passo. É importante tomar nas mãos, “com reverência porque corpo de Cristo” o texto bíblico e pedir a ajuda do Espírito, o mestre interior, aquele que se faz oração em nós e que, “com gemidos inexprimíveis” encaminha para Deus a nossa súplica e a nossa adoração.**

**A longa carta de amor, que é a Bíblia, foi ditada pelo Espírito e somente com a sua ajuda pode ser compreendida e transformada em vida. O Espírito, que desceu sobre Maria e a tornou mãe do Verbo, nos tornará fecundos também nós e poderemos gerar vida.**

**Espera, ele não tardará**

***O Espírito de Cristo faz florescer o deserto, dá a vida.***

A espera vigilante e calma atrai o Espírito do Senhor, que se anuncia no “vento suave” e na voz do silêncio. Não basta, todavia, colocar-se à sua escuta apenas no momento da *lectio* ou da

oração, em geral. É necessária uma atitude de espera, que perpassasse todo o cotidiano como uma motivação musical que se articula na invocação: "Vem, vem, Espírito consolador, doce hóspede da alma, fogo, amor...". Pode-se continuar com outras invocações que nasçam no profundo do ser e afluam no coração

Às vezes, pode acontecer ser necessário reservar mais tempo para esta espera que, todavia, jamais será frustrante ou mesmo inútil. Trata-se de abrir espaço, oferecer a casa, deixar-se plasmar segundo as formas preferidas por Quem é chamado e é a quietude dinâmica e vital da nossa existência.

### **Effatá! Abre-te!**

**«Eis, estou à porta e bato: se alguém escuta a minha voz e me abre a porta, virei a ele. Ceiarei com ele e... (Apocalipse 3,20)»**

Há um Hóspede misterioso que nos acompanha na compreensão do texto bíblico. A solidão é superada pelo próprio Deus. Como o etíope que lia Isaías, mas nada entendia até que dele se aproximou Filipe, mandado pelo Espírito e lhe abriu o coração, assim também os nossos olhos são iluminados e nossa inteligência aberta às "coisas do alto".

Mas é preciso, de nossa parte, a determinação de abrir a porta ao Espírito, depois de ter percebido suas batidas. Os três, então, entrarão no nosso cotidiano, sentar-se-ão à nossa mesa e poderemos escutar Deus, falar com Ele como a um amigo.

Fruto desta permanência é um impulso mais forte para a missão. Protegidos pela sua presença, podemos anunciar e ser transparência do seu Evangelho.

### **Escuta!**

***Shemá Israel! Escuta, Israel, o Senhor teu Deus que quer falar contigo.***

Diz um canto: "Escuta e viverás./ O Senhor tem alguma coisa para dizer,/ o Senhor quer te falar./ No silêncio dispõe o teu coração/ se quiseres escutar o teu Deus. O Senhor quer te encontrar/ no teu coração ele quer permanecer./ Ao seu convite não podes renunciar/ se com Deus quiseres morar".

Também o salmo 119, o salmo da escuta da Palavra, pode nos ajudar a entrar em colóquio com o Senhor. Como o autor desta oração, pode-se repetir: "A tua palavra me dá tanta alegria, é como encontrar um tesouro... Sobre os teus textos continuo a velar/ mais que tudo o meu coração os ama".

### **Também Maria Domingas**

O livro de Lina Dalcerra dedicado a Maria Mazzarello tem por título, exatamente, "Uma alma de Espírito Santo". É a definição/síntese de sua vida. A própria autora, no final do livro, escreve: "Quando uma alma é escolhida para a missão de guiar, é tomada pela ação do Espírito Santo e impelida, por um irresistível instinto sobrenatural, a irradiar ao redor de si a plenitude que transborda do seu interior".

Mas tal riqueza foi invocada e esperada desde sempre.

### **Por que a lectio?**

Enzo Bianchi, na introdução do seu livro "Rezar a Palavra", escreve: "Procurarei apresentar a *lectio divina*, a leitura rezada da Palavra de Deus, por meio de uma ótica trinitária, porque trinitária é a oração e trinitária é a nossa vida. Não somos nós movidos pelo Espírito na busca de Cristo para contemplar o Deus único, o Senhor do universo?".

E acrescenta: "... o método da escuta e da oração não é igual para todos, porque o Espírito Santo o sugere a cada um".

## O EVANGELHO NA VIDA

# A última página do Evangelho

*Como exemplificação de lectio divina, isto é, de uma Palavra que entra na vida, nesta rubrica aludimos a uma homilia de Ângelo Casati, pároco em Milão.*

Esta visão de Jesus, transportado para o céu, é a última página de um livro e é a primeira de um outro livro. É a última página, a que finaliza o evangelho de Jesus de Nazaré escrito por Lucas e é a primeira página de um outro evangelho, escrito pelo mesmo Lucas, o evangelho da igreja, os Atos dos Apóstolos.

Última página do evangelho de Jesus de Nazaré. Agora vejam para onde conduz a viagem. Vocês sabem que Lucas descreve a vida de Jesus como uma grande viagem, uma subida para Jerusalém, a cidade da sua "hora", a cidade em que abrirá os seus braços sobre a cruz, como sinal da grande aliança entre o céu e a terra.

Percebam hoje que a viagem não terminou na cidade da morte. A viagem abre-se ao inenarrável, desemboca no infinito, ilumina-se de imensidão. Como para dizer que se você sobe a Jerusalém, se sobe à cidade da doação incondicional, se sobe para um modo elevado de conceber a vida que é "dar a vida", então você é transportado para o alto.

## O peso da sua invisibilidade

Vocês me compreendem, é como se existisse um vínculo indestrutível entre o ato de amar até o extremo e o de elevar-se para o alto. Um vínculo que talvez Lucas tenha querido evocar colocando a ascensão de Jesus na direção de Betânia, sobre o monte das oliveiras, no horto da agonia. Lá onde ficara entre os ramos o lamento de sua extrema amargura: "Agora minha alma está triste, de uma tristeza mortal". Além disso lá, no jardim, à noite, havia também dito àquele bando de soldados: "Prendei a mim, mas deixai-os livres". Pois bem, o lugar-testemunho deste amor forte, o amor que dá a vida pelos seus amigos, torna-se, com pleno direito, o lugar da ascensão. Está escrito também no evangelho de Lucas que o viram separar-se deles e, no ato de separar-se, os abençoava: "Enquanto os abençoava separou-se deles". Aquela bênção ficou – pensem! – sobre a terra, ligada à nossa terra. Uma bênção que hoje alcança você, alcança a cada um de nós. Porque hoje somos nós que sofremos a separação.

E enquanto se separava deles, os abençoava! Hoje somos nós que sentimos o peso desta sua invisibilidade, nós que sofremos por um reino que ainda não foi reconstituído e que jamais será reconstituído na sua plenitude: "Senhor" perguntavam-lhe "quando farás a reconstituição do reino de Israel?". Nós a interrogar-nos – quantas vezes! – sobre o sentido ou o não sentido de morrer. Jesus conhece o peso desta separação, desta ausência de sinais poderosos. Ele nos conforta com a sua bênção, que é como a sua sombra sobre nós, uma sombra que nos acompanha.

## Uma bênção que nos acompanha

Ao sairmos da igreja, acompanha-nos uma bênção. A missa termina com uma bênção. O Senhor sabe que nos espera uma semana não fácil, sabe que, saindo da igreja, saímos para a complexidade da vida. E, no ato de separar-se de nós, nos abençoa.

Acontece-nos, às vezes, sair da igreja e esquecer. Esquecer que nos dirigimos a uma terra onde não foi cancelada a bênção. Às vezes, ouvindo certas conversas, certas opiniões, certas afirmações em nossos ambientes, tão prenhes de pessimismo, ocorre-nos dizer que são pensamentos, modos

de interpretar de pessoas que não têm fé, que se dizem fiéis, mas que raciocinam como se não o fossem, não têm memória, cancelaram da sua memória a promessa do Senhor, a sua promessa de uma bênção.

Ele se separa de nós, estende o braço num gesto de bênção e nos envia: “vós sois testemunhas disso”. Agora toca a nós, este é o tempo do testemunho: “até os extremos confins da terra”.

E para nós... os extremos confins da terra são estes lugares, estas casas, estas ruas, estas cidades, estes são os extremos confins da terra, os lugares do nosso testemunho.

## Testemunhas do amor

Talvez também vocês tenham notado a insinuação, no livro dos Atos, de um dilema, um dilema crucial que não deixa de nos preocupar: a reconstrução de um reino ou o testemunho? Como sonhamos a presença da igreja no tempo, na história? Como vamos ao encaixe da nossa imagem de fiéis? Com a categoria da restituição de um reino ou com a categoria do testemunho?

E talvez vocês também tenham notado o fato de que, aos discípulos mais uma vez em busca de poder, Jesus fala alargando-lhes a visão, sobre um outro poder, um poder, disse, “do alto”. É este, disse-lhes, o Espírito, com a sua potência, bem diferente, totalmente diferente, do qual seriam revestidos e que deverão invocar apaixonadamente. O poder do Espírito! Que nada tem a ver com a conquista dos lugares de honra, com o brilho do poder. Deixem-se conduzir pelo Espírito. Dêem visibilidade a Jesus e sejam sobre a terra a sua memória viva. Não é sem sentido que hoje, com os jovens que se preparam para a Crisma, deixou-se de dizer: “a crisma nos faz soldados de Cristo” – e então restituímos o reino? – para dizer: “a crisma nos faz testemunhas de Jesus no mundo”. É de testemunhas que se tem necessidade, da transparência, do silêncio das testemunhas, porque as testemunhas falam com a vida. De carreiristas não, e existem tantos, não há necessidade. Mas de testemunhas, de gente que com a própria vida nos traga Jesus à memória, há necessidade, imensa necessidade. Em vista do futuro, de um futuro promissor para esta terra, em vista da outra terra que nos espera, para a qual subiu o Senhor.

**Ângelo Casati**

## DIÁLOGO

# A colina da paz

Bruna Grassini

**“Estou profundamente convencido de que na situação em que o mundo hoje se encontra é um imperativo para os cristãos, hebreus e muçulmanos empenhar-se juntos no enfrentamento dos numerosos desafios que afligem a humanidade... Temos absoluta necessidade de um diálogo autêntico entre as religiões e as culturas. Um diálogo capaz de ajudar-nos a superar juntos as tensões num espírito de profícua compreensão, em continuidade à obra empreendida pelo meu venerado predecessor o Papa João Paulo II”.**  
*(Papa Bento XVI)*

“Tudo começou com um sonho”. Assim escreve Bruno Hussar no seu Diário: “Sou hebreu, cidadão israelita, nasci no Egito em 1911. Minha mãe era francesa, meu pai húngaro, ambos

hebreus. Estudei no Cairo num Liceu italiano e me formei em Paris, em engenharia". São os anos em que Bruno Hussar inicia um caminho interior de busca ardorosa, que o levará à descoberta de Deus.

Com 24 anos é batizado na Igreja católica, com o nome de Andréa. Acompanham-no à Fonte batismal, Jacques e Raissa Maritain, os grandes amigos.

Estamos em plena guerra: perde o emprego, suporta ameaças e vexames, corre o risco de ser deportado para os campos de concentração, na Alemanha.

No final cai enfermo, atingido pela tuberculose que o obriga a três anos de imobilidade, de isolamento forçado. Três anos de silêncio e de aprofundamento da Palavra de Deus.

Terminada a guerra pede e consegue entrar na Ordem dos Dominicanos, assumindo o nome de Bruno. O olhar de Deus está sobre ele: prepara-o para a escolha definitiva e em 1950 recebe a Ordenação Sacerdotal.

Depois de três anos o Superior o envia a Israel para fundar a "Casa de Isaías": um Centro de Estudos hebraicos, aberto aos cristãos, hebreus, palestinos.

Sucessivamente participa do Concílio Vaticano II, como especialista com o Cardeal Bea, para a revisão do texto em hebraico da Declaração "*Nostra Aetate*", donde foi tirada definitivamente a acusação de "deicídio" contra os Hebreus.

Agora pode realizar o seu grande Projeto: "Nevè Shalon" onde hebreus, cristãos, muçulmanos podem conviver, fiéis às próprias tradições, no respeito recíproco.

## **Educar-nos para a "diferença"**

Na estrada que vai de Tel Aviv a Jerusalém, surge uma colina. Bruno Hussar descobre nela um lote de terreno adjacente ao Mosteiro Trapista de Latroun. Lá assenta uma tenda para orar com os quatro primeiros amigos que o seguem, entre os quais uma mulher: Anna Meighen, apóstola inigualável de profunda fé e coragem.

No seu coração Bruno guarda um projeto secreto, um "sonho louco", como dirá.

Convencido de que as religiões muitas vezes foram causa de divisões, Bruno sustenta que elas podem se tornar fonte de harmonia. "Em cada país, escreve, existem Academias onde anualmente é ensinada a arte da guerra. Nós, inspirados pela Palavra, queremos criar uma escola da Paz, porque também a paz é uma arte que não se improvisa: deve ser aprendida".

O sonho se torna realidade.

Ao lado da tenda, Bruno Hussar constrói a "Casa do Encontro": Oásis de Paz, lugar de partilha, de fraternidade, que atualmente hospeda 150 famílias de diferentes etnias. Cada família educa os filhos na própria língua, cultura e religião: hebreus, cristãos, israelitas e árabes crescem e estudam juntos.

Uma proposta educativa nova, um percurso inédito ao descobrir o "outro" com suas diferenças, como valor e responsabilidade.

A Revista "CEM Mundialidades" dos Padres Xaverianos, lança, em 1990, um desafio para o tradicional Convênio de Assis: realizar a Utopia de Bruno Hussar "A Convivência das diferenças", com a participação de outros 350 educadores, na maior parte jovens.

Apresentando o seu testemunho, Bruno Hussar suscita um clima de alta reflexão sobre os novos cenários da educação para a Paz, para a acolhida, para a mundialidade. É a descoberta do "outro" como "valor e recurso", como "convivência". "O que para nós é mais importante, afirma, é que cada um possa expressar a sua própria identidade, seja acolhido e respeitado".

Na aldeia de Nevè Shalon aprende-se a conviver, a conhecer-se, a criar novas relações humanas. "O nosso escopo, costuma repetir, é formar uma nova geração de jovens cidadãos capazes de superar feridas e preconceitos para realizar a Paz, que hoje parece impossível".

## **O homem das quatro identidades**

Bruno Hussar, definindo-se *o homem das quatro identidades*, abriu um horizonte ilimitado, “de diálogo autêntico entre as religiões e as culturas, no espírito de uma profícua compreensão”, indicando-nos o caminho para nos tornar, na cotidianidade, construtores de Paz. Repassando a sua vida inteira confessava: “Não sei o motivo pelo qual o Eterno guiou deste modo a minha vida. Alguns amigos hebreus me perguntam por que afinal me fiz cristão. Respondo relatando a minha história...” E concluía: “Uma coisa é certa: existe uma única linguagem com a qual os homens de religiões diversas podem sentar-se juntos para louvar a Deus. Juntos, sem disputas. É a linguagem *Dumia*, a linguagem do silêncio profundo”.

Hoje, a meio caminho entre Tel Aviv e Jerusalém aparece uma grande tenda branca, onde todos podem estacionar, entrar no santuário da sua consciência e mergulhar no silêncio inspirado pelo Salmo: “Para Ti, ó Deus, o silêncio é louvor”.

[grassini@libero.it](mailto:grassini@libero.it)

## O FIO DE ARIADNE

# A acolhida

Giuseppina Teruggi

### Eu me torno aquilo que acolho

O que existe de mais humano e cristão do que a acolhida? É uma palavra cheia de atrativo que evoca atitudes convincentes. Quando percebes que és acolhido, tu te sentes viver, te abres à confiança, então a realidade se ilumina e se colore.

Mas, acolhimento é também uma palavra *multiuso* que se presta à ambigüidade. Não se trata tanto de abrir a porta a quem te pede para entrar, dar uma moeda a quem te estende a mão, reservar um espaço de tempo para dedicar a quem deseja ser escutado.

Acolher, nós o sabemos, não é só isso. É antes, fazer entrar uma pessoa dentro de nós chegando ao ponto de presentear-la com um lugar em nosso coração, hospedá-la em nossa vida, fazê-la sentir que tem valor, que é amada. Acolhe quem sabe expressar ao outro que o reconhece, valoriza e nele confia, que sua riqueza interior é considerada mesmo quando não é evidente. É uma atitude que está ligada a muitas outras: implica, de fato, a capacidade de escuta, a tolerância, a discrição, sobretudo a consciência da sacralidade de cada pessoa, única e irrepetível, amada por Deus.

A acolhida não tem uma extensão no tempo: pode ter uma duração breve ou um tempo longo, um tempo ilimitado. O que conta é a disponibilidade e abertura do coração diante da pessoa que se encontra ou com a qual se vive.

Acolher é olhar a irmã ou o irmão nos olhos para encontrá-lo em profundidade, para além do seu olhar, para captar sua alegria ou seu sofrimento. É zelar: às vezes com uma única palavra, um gesto amigo, uma saudação, um sorriso. Ou então, com o interesse sincero pela sua condição de vida: imigrante, refugiado, sem casa. Chamando a cada um pelo nome: *amado por Deus*.

É a vocação vivida por Maria, a mulher hospitaleira que acolheu a Deus em sua vida, antes mesmo de acolhê-lo no seu seio, e que acolheu a todas as pessoas. Ela nos ensina que “graças à acolhida cada *eu* pode transformar-se num *eu* hospitaleiro, que dá espaço ao outro, auto-limita-se e começa a servir”, afirma Ermes Ronchi. E sublinha: “Acolher, verbo que gera vida: acolher

nosso dever, nossa missão humana, porque o homem torna-se aquilo que acolhe. Se acolhes vaidade tornar-te-ás vazio, se acolhes paz darás paz. O homem torna-se aquilo que o habita”.

## **Escancarei a porta...**

A acolhida é manifestada, em primeiro lugar, aos quem vivem ao nosso lado: dia após dia, na trama do cotidiano. É ali que se assume a capacidade de ser pessoas de coração “generoso e grande”, como exortava Maria Domingas Mazzarello. Visto que, é do coração que nasce o hábito de *ser* acolhedores, para além de realizar gestos de acolhida.

Deparei com um testemunho que me envolveu profundamente. Concedeu-o Roberta Grazzani, jornalista, mulher de têmpera evangélica que relatou um pouco da sua história revelando, de uma forma muito concreta, o que o acolhimento significa para ela.

Escolhi compartilhar o testemunho de Roberta: extraordinário no comum da vida. Como acontece com tantas irmãs e irmãos que conhecemos, pessoas que vivem conosco, moram em nossa casa e que sabem fazer da acolhida um estilo habitual de vida.

“Durante anos mamãe sofreu com o mal de Alzheimer – relata Roberta. O mal, que havia se manifestado lentamente, progredia velozmente. Eu tinha os meus compromissos profissionais, assustava-me e me irritava com esta mamãe que esquecia tudo, que não era mais capaz de passar roupa nem de preparar uma simples refeição. Acolhê-la foi um processo lento, doloroso para ambas as partes. Dedicar-me a minha mãe significava perder-me a mim mesma, transformar-me numa outra pessoa.

Eu tinha um trabalho exigente com horários rigorosos e mamãe sempre piorando. À tarde ela se agarrava literalmente a mim e não me largava até à hora de dormir. Não me sobrava mais tempo para nada, para ninguém: os meus amigos se sentiam esquecidos. Eu sofria, tinha medo do futuro e achava que a minha sorte já estava traçada.

Algum tempo depois, improvisamente, comecei a olhar minha mãe com outros olhos, a vê-la como era na verdade: necessitada de tudo, indefesa e amedrontada. Fui descobrindo isto pouco a pouco. Por fim escancarei-lhe aquela porta que obstinadamente eu mantinha apenas entreaberta e deixei que entrasse.

Ela estava quase ausente, mas sabia que eu a havia acolhido e me demonstrava a sua gratidão a cada momento, com o olhar, com poucas palavras, com raros sorrisos.

Eu ficava ao seu lado quando silenciava, quando emitia breves frases ou nos momentos improvisos de sua lucidez. Ajudava-a em tudo. Havia me tornado sua filha pela segunda vez, de modo diferente. Sentia-me materna e carinhosa.

Não foi um caminho de semanas nem de meses, mas de anos: 18 para ser exata. Quando mamãe morreu, percebi o quanto sua presença fora sagrada e abençoada. E me perguntei se fui eu na verdade que a acolhi ou, antes, se não foi ela que me acolheu”.

## **Em tempo integral**

“É muito misterioso o que Deus realiza em nossa vida. Misterioso e estranho”, sublinha Roberta ao prosseguir o relato de sua experiência. Assim que mamãe partiu, alguém bateu à minha porta. De novo senti medo. E nem mesmo desta vez senti alegria ao abrir, porque conhecia o transtorno que este novo hóspede trazia consigo. Meu irmão, depois de uma experiência fracassada de matrimônio, pediu para morar comigo.

Doente com depressão, às vezes ele é incapaz de sair de casa, outras vezes é tomado por um estado de euforia que o faz sentir-se onipotente e realizar ações estranhas. Os dias para mim são cansativos. Mas, como já havia acontecido antes, também com ele estou me abrindo à acolhida. Ainda uma vez perco-me a mim mesma.

Sofro com o seu sofrimento, alegro-me com os seus breves momentos de serenidade. Vejo, com olhar sempre mais límpido, que também eu sou acolhida por ele. Quando pode, ele me compreende, interessa-se pelo meu trabalho, me escuta.

Não tinha fé. Cultivava apenas uma grande ternura para com sua *amiga Maria*, como ele costumava chamar Nossa Senhora. Depois, atendendo a uma proposta sua, começamos a rezar juntos.

Rezamos o *Pai nosso* antes das refeições. Rezamos com frequência o Rosário. Mais de uma vez, ao entrar no seu quarto, pude vê-lo de joelhos aos pés da cama.

Reconheço agora, com admiração e agradecimento que, por esta acolhida recíproca, um Outro entrou em nossa casa: Deus, nosso Pai.

Acolher, então, significa estar com Deus. A acolhida se torna aliança. Como Abraão nos Carvalhos de Mamrê, surpreendo-me fazendo festa ao hóspede que chegou inesperadamente. É uma festa um pouco estranha, feita muitas vezes de noites agitadas, de angústias e lágrimas. Porém, não tenho mais medo de perder-me, porque nós dois não estamos sós: Jesus está presente, Deus está presente, está presente a Trindade.

Por isso, apesar da minha fragilidade e dos medos recorrentes, parece-me uma festa este momento da minha vida em que de vez em quando ainda temo perder-me e talvez me perca de fato. Mas há Alguém que me reencontra!

## Um novo êxodo

A experiência de Roberta é análoga à de Valentina, de Stéfano, de Ângela: mulheres e homens que vivem em primeira pessoa o risco de fazer-se acolhimento e que conhecem o longo caminho da disponibilidade ao dom.

Não é fácil assumir um estilo acolhedor, promover uma “cultura da acolhida”, antes de tudo no próprio ambiente contribuindo para criar uma mentalidade solidária e aberta. Trata-se de estimular tudo quanto promove o confronto, o diálogo, a atenção para com quem tem necessidade, até chegar ao ponto de modificar hábitos, ampliar experiências afetivas, aceitar a possibilidade da insegurança e do imprevisível.

O dinamismo que nos abre para acolher o outro, apóia-se numa convicção fundamental: o diferente (sejam pessoas, sejam situações) não é uma ameaça à minha realização, mas a oportunidade que pode conduzi-la à concretização. Tornar-se espaço aberto à solidariedade acolhedora, passando pelo risco do inédito, permite experimentar uma plenitude de humanidade e descobrir recursos dos quais talvez não se tenha consciência. Mas isto comporta um processo trabalhoso de superação da auto-suficiência, remove os hábitos da tranqüilidade segura, sacode a rotina na qual se pode cair quando se tem garantia de vida.

Acolher implica passar de uma *de-estruturação* interna – e às vezes também externa – para uma *re-estruturação*, e convida a fazer um percurso comparável a um êxodo: passagem do certo ao incerto, daquilo que ‘sempre se fez’ à criatividade que renova e revitaliza.

Alguns simples estratagemas podem encorajar a caminhada pelo atalho da acolhida.

- Acolher a si mesmo – a própria história, o que se tem e o que se é, o próprio corpo – constitui o primeiro requisito para uma vida serena. Se souber acolher a mim mesma, mais facilmente poderei relacionar-me com os outros, acolhê-los e antecipar a sua acolhida.
- Na medida em que acolho a mim mesma, encaminho-me para os outros como um *presente* oferecido para a sua alegria e os recebo como um *presente* que suscita em mim gratidão. Não importa o quanto o presente esteja bem ‘confeccionado’!
- Os passos para a acolhida são ritmados pela minha capacidade de ver em cada pessoa um valor, um dom, uma fonte de bem que pode tornar-me mais rica e feliz.
- Construo a minha felicidade na medida em que me encaminho *para além* das coisas, da cotidianidade, da rotina, dos esquemas seguros. Também, *para além* de mim mesma. A felicidade tem a medida do espaço que crio para Deus e para os outros nos pensamentos, no coração, na organização da minha vida.

## COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

# Poços para a vida

Mara Borsi

**A comunidade FMA de Tonj (Sudão Sul) encaminhou um projeto para a construção de poços em duas aldeias a fim de favorecer a matrícula na escola, das jovens que, de outra forma, gastariam a maior parte do seu dia recolhendo água para as necessidades familiares.**

A casa de Tonj foi aberta em 1983, três anos depois do lançamento, por parte do Instituto, do "Projeto África" (1980). A explosão da guerra civil no Sudão obriga as FMA a abandonar a missão depois de apenas um ano de sua abertura.

A partir do ano 2000 a inspetoria da África Oriental realiza algumas tentativas de reabertura da casa de Tonj e finalmente em 2003 é constituída a comunidade que durante o último ano da guerra foi um efetivo e apropriado ponto de referência para o povo tão provado pelas conseqüências do longo conflito.

Durante os vinte e dois anos de guerra, Tonj ficou sob o controle do *Sudan People's Liberation Front* (SPLA) e sofreu uma completa destruição das infra-estruturas e dos serviços. Durante o conflito o acesso a Tonj só era possível passando pelo Quênia e o único meio de transporte era o aéreo. Depois da assinatura do acordo pela paz, pouco a pouco, a situação foi melhorando e com a remoção das minas foi restabelecida a comunicação com as outras zonas do Sudão.

### Um projeto para as jovens Dinka

O projeto apresentado pela comunidade de Tonj a várias organizações internacionais prevê a construção de dois poços, um na aldeia de Waramel (duas horas de carro de Tonj) e outro em Laithok (45 minutos), o objetivo é facilitar às crianças e às jovens, o acesso à água.

A população desta zona é, na maioria, Dinka. Na cultura Dinka, as jovens valem pelo dote que trazem para a família. A riqueza Dinka é estimada em relação ao número das vacas que possui a família. É o pai que decide a quem dar a filha em matrimônio e, habitualmente, a escolha privilegia o homem que oferece um maior número de vacas; não importa que tenha 70 anos enquanto a jovem somente 15. A jovem não tem nenhuma possibilidade de se manifestar.

As meninas não têm oportunidade de viver a própria infância porque desde a idade de 6 e 7 anos devem cuidar dos irmãozinhos e irmãzinhas menores e são empenhadas nos trabalhos domésticos: buscam a água, batem o arroz, buscam a lenha e fazem a limpeza da casa.

O percentual das jovens que freqüentam a escola é muito baixo e pouquíssimas delas chegam a completar a escola obrigatória. O obstáculo principal são os trabalhos domésticos e sobretudo a busca da água e do combustível. A busca da água é uma das razões que mantêm as jovens afastadas da instrução porque devem caminhar horas e horas para encontrá-la.

É exatamente por isso que as FMA vêem na construção dos poços perto das aldeias uma das estratégias para favorecer a freqüência das jovens à escola e contribuir assim para a promoção da mulher e para a melhoria das suas condições de vida. O projeto de cooperação ao desenvolvimento prevê a construção de dois poços.

O custo mínimo de cada um deles, com a profundidade de 30 metros, é de mais de 5.000,00 euros.

\* \* \*

### **Entrevista com Ir. Rosa Farina, missionária na África há 23 anos**

#### **O que a impressiona no País?**

*Indubitavelmente, o povo. Ah! O povo! O povo traz o timbre de toda a estrutura do corpo nas feições do rosto. O timbre da originalidade, alguma coisa que especialmente para nós "kawanja" (como somos chamados) é difícil para ser lido, interpretado e compreendido. As pessoas têm uma beleza que atrai, olhos doces um pouco entreabertos quase a esconder os pensamentos do coração. Gente ativa, gente aberta, inteligente, gente interessada em viver e em compartilhar, mas também em colocar-se decididamente em primeira linha para te enfrentar, te desafiar.*

*Impressiona-me também a vastidão do Novo Sudão. Eu li que quando Deus criou o Sudão, sorriu diante de sua enorme extensão. Eu tive oportunidade de observar esta vastidão seja do avião, seja percorrendo as longuíssimas estradas de terra. Uma vastidão pontilhada de manchas cinza-brancas dos enormes chifres, e Tonj, onde me encontro, é notável por ter a mais alta concentração de vacas.*

#### **O que significa para você estar em Tonj?**

*É uma escolha de essencialidade, de desejo de caminhar com o povo pelas estradas velhas, mas projetando-lhes as novas, aquelas necessárias depois de 30 anos de guerra, uma guerra que teve efeitos devastadores sobre a economia do país e sobre as pessoas. É um presente que desejei fazer a mim mesma no 75º da minha vida como um "recomeço de renovação" no Espírito.*

#### **O que você faz nas missões?**

*Faço aquilo que posso e que vejo ser necessário fazer na missão. Lavrar a terra e semear na horta com crianças e jovens, com as adolescentes do Centro Bakhita. Em suma, dou uma mão enquanto olhos e mentes "funcionam" como a melhor internet privada... Estamos num período de transição, com a necessidade de dar um novo impulso à vida e ao trabalho. A reviravolta para os jovens consiste em passar do treinamento para a guerra, à educação: o Novo Sudão tem a mais jovem população do mundo.*

\* \* \*

Se você quiser dar alguma contribuição para o projeto consulte: <http://www.cgfmanet.org> na sessão doações.

[mborsi@pcn.net](mailto:mborsi@pcn.net)

## DIREITOS HUMANOS E VIDA CONSAGRADA

Júlia Arciniegas

### Somos de fato profetas?

(cf Miquéias 6, 6-8)

#### Com o quê me apresentarei ao Senhor?

O profeta Miquéias vive numa época dramática, violenta e tumultuada. Os ricos proprietários de terra exploram sem piedade os pobres, os camponeses, os agricultores. Tal abuso de poder é atacado com força por Miquéias. Ele dedica a sua atividade à defesa dos oprimidos.

Nascido na pequena cidade de Moreset, perto de Jerusalém, Miquéias desenvolve o seu ministério contemporaneamente ao do profeta Isaías. Mesmo provindo de uma zona rural, ele está a par da corrupção da vida da cidade e denuncia particularmente Jerusalém. Vê nela o símbolo da corrupção nacional: corrupção na gestão da justiça, nos funcionários do governo, nos líderes religiosos. O fundamento da sua mensagem é a justiça de Deus.

Num dos versículos mais conhecidos do Antigo Testamento Miquéias sintetiza aquilo que o Senhor exige do homem: *“Praticar a justiça, amar a piedade, caminhar humildemente com o teu Deus” (6,8).*

Miquéias proclama, além disso, um reino universal de paz que abarcará todos os povos. As espadas serão transformadas em arados e as lanças em foices; será um período de paz, de prosperidade e de bem-estar (4, 1-5). Deus reinará soberano e os homens “não aprenderão mais a arte da guerra”.

#### O que o Senhor exige de ti

O olhar crítico do profeta revela os compromissos e põe em evidência o que realmente é agradável a Deus. Antes de tudo, *praticar a justiça*, defender os direitos do pobre, daquele que foi explorado em Israel; a força do país, de fato, não está na economia, no exército, mas na igualdade social e no respeito aos pobres. Se os direitos dos menos favorecidos não são respeitados, para nada servem todas as ofertas e sacrifícios; a própria oração não tem sentido. O fruto do culto não pode deixar de ser a justiça.

Em segundo lugar, *amar a lealdade*, respeitar a palavra dada, não trair a amizade, permanecer fiéis ao amor do próximo. A qualidade das relações inter-pessoais exprime a autenticidade do amor a Deus, a verdadeira piedade.

Finalmente, *caminhar humildemente com Deus*. Fazer o percurso que ele escolheu para estar próximo ao seu povo: acompanhar, sustentar, encorajar, consolar. Este estilo de animação fraterna revela uma profunda sintonia com Deus, é o sinal de um coração sincero, pobre, humilde.

#### Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão

Numa das suas últimas assembleias, a União dos Superiores gerais (USG) abordou o tema: *“Vida religiosa: profecia para as culturas de hoje?”*. A interrogação fez emergir significativas reflexões por parte dos relatores e dos participantes, que sublinharam, entre outras coisas, a urgência que a Igreja e o mundo de hoje têm de uma vida consagrada profética. Num contexto social em que se vive sempre mais “como se Deus não existisse”, a vida religiosa é chamada a

anunciar o desígnio maravilhoso de Deus, a denunciar tudo o que atenta contra ele. A este propósito Dom Pascual Chávez no seu relatório afirma: "A nossa profecia não deve ser alguma coisa exterior a nós, como soe acontecer aos profetas de desgraças, que não fazem outra coisa senão anunciar catástrofes e castigos, ou aos profetas de corte, que não fazem outra coisa senão acariciar os ouvidos dos cortesãos, ou aos profetas da reivindicação social, que camuflam um sistema político ou econômico e canonizam outro, sem olhar a necessidade que existe de redimensionar cada realidade humana. A vida consagrada somente será profética se souber dar testemunho do amor apaixonado de Deus".

Nesta linha e em sintonia com tudo quanto Deus nos diz por meio de Miquéias, a profecia a que Ele nos chama hoje como consagradas/os nos leva a apostar na defesa dos direitos humanos, a acolher continuamente o povo com muita ternura, a dialogar com os outros num plano de paridade e de reciprocidade, sem jamais tornar absoluto o próprio pensamento; a rezar a Palavra junto aos mais desvalidos, com a consciência de que são os pobres que nos evangelizam; ao discernimento e à capacidade de interceptar os novos questionamentos, com a atenção continuamente voltada aos grandes temas da humanidade: a paz, a justiça, a reconciliação, o desenvolvimento integral e ecológico. É esta a "nova profecia" a ser realizada com Jesus. Retomar diariamente este percurso é *caminhar humildemente* no seu seguimento.

Por isso, com J. C. García Paredes, nós nos perguntamos: Somos de fato profetas? Estamos prontos para pagar, eventualmente, por uma profecia que, se for verdadeira, não pode deixar de perturbar sobretudo aqueles que têm o poder e são responsáveis pelas situações intoleráveis? Temos a coragem de navegar contra-corrente, colocando-nos ao lado dos pequenos, dos últimos?

*A história de Patrícia Wolf, a "irmã empresária", pertencente à congregação das Irmãs da Misericórdia, fundada em Dublin, em 1831, revela um modo novo, para uma ordem religiosa tradicional, de usar a própria influência em favor dos pobres.*

*Patrícia Wolf trabalha em Nova York, é responsável por um patrimônio de bilhões, mas não é nem empresária, nem acionista de nenhuma multinacional.*

*A idéia de partida é que a gestão dos recursos econômicos deve ser coerente com a própria fé e que tais recursos podem ser empregados em nome dos mais pobres. O ICCR (Interfaith Center on Corporate Responsibility) faz investimentos éticos, isto é, emprega o dinheiro em atividades que têm resultados positivos em nível social e ambiental. Além disso, é ativo na ação social.*

*Trata-se de uma organização, nascida nos anos 70, que administra os patrimônios (constituídos por heranças, doações, imóveis, ofertas) de 275 entidades, entre ordens religiosas, dioceses, paróquias, fundos de pensões e outras entidades ligadas à Igreja católica, às Igrejas protestantes ou às comunidades hebraicas dos Estados Unidos. Com o patrimônio que tem nos ombros, esta comunidade sabe fazer-se escutar pelos poderosos da economia e das finanças. O ICCR conquista cotas de ações de grandes sociedades e participa ativamente das assembléias dos acionistas propondo moções sobre temas sociais e ambientais de modo a orientar as escolhas destes grandes assuntos numa direção eticamente correta e fazendo-os adotar uma gestão mais transparente.*

**Visite o site do ICCR:** <http://www.iccr.org/>

*Bento de Núrcia, no término de sua vida de oração, certa noite, estando à janela, fixando o olhar nas espessas trevas, descobre uma luz que descendo do alto afugentava a densa escuridão... Naquela visão foi posto diante dos seus olhos como que o mundo inteiro recolhido num único raio de luz (G. M., Diálogos II, 35). É assim que vê o mundo, o contemplativo: com grande misericórdia, com profunda compaixão. Ele recebeu como dom o olhar de Deus.*

FOTO



CLICK

## As suas fotos mais bonitas...

Publicamos algumas das fotos que chegaram à redação. As outras vocês poderão encontrar nos próximos números da revista. Agradecemos a quem aderiu ao concurso e a quem ainda quiser fazê-lo. O nome do vencedor será publicado nos próximos meses.



### ***A porta entreaberta***

Eis, estou à porta e bato: se alguém escuta a minha voz e abre a porta para mim, eu virei a ele...

*Romina Macaj – Albânia*

### ***A proximidade***

Não se pode esconder o amor. Quando amamos, tudo o que fazemos fala de amor. A amizade está ao nosso alcance: não a procuremos longe.

*Aminata Adekum – Guiné Equatorial*





## ***Um por todos... todos por um***

É o que nos mantém unidos...  
e o que vincula as nossas  
relações. Um sentimento forte  
e verdadeiro nascido  
espontaneamente no nosso  
grupo.

*GRUPO CIOFS/FP – Curso  
Fotógrafo Operador Instituto  
Sacro Cuore – Ruvo di Puglia*

## ***Festa de fim de curso***

Final das atividades para as crianças do patronato que mostram com alegria os seus trabalhos.

*Ella Mengue Mbira Aristide Lionel – Gabão*



POLIS

## A opinião pública e o consenso

Mara Borsi e Anna Rita Cristaino

**Partimos de algumas perguntas.**

**O consenso da opinião pública pode ser o único instrumento para avaliar se uma escolha é ou não correta? Uma orientação pode ser considerada correta só porque suscitou o consenso?**

**Quem forma a opinião pública?**

Teríamos ainda outras perguntas, talvez porque estejamos presenciando uma forte instrumentalização da opinião pública e também porque, com frequência, abusa-se desta expressão.

A opinião pública pode aprovar ou não as escolhas dos governos, pode fazer pressão para que se promulgue uma determinada lei ou se suprima uma outra.

Era ela a garantia das democracias, mas talvez hoje o modo de adquiri-la esteja um pouco "deteriorado".

Com frequência a opinião pública é medida pelas sondagens de opinião que podem ser contraditórias também, favorecendo a quem as encomenda. Por exemplo, o modo de revelar as escolhas de voto; de fato, cada candidato político ou cada partido, antes das eleições, diz que as sondagens estão a seu favor.

Além disso, ouvem-se políticos que declaram, "é o povo, é a opinião pública que nos pede tal coisa"... mas, perguntamos, quando foi que eles pararam para escutar a população simples nas ruas ou nos super-mercados? Alguns estudiosos sustentam que o único modo de medir as necessidades e os anseios da opinião pública são as buscas de mercado: o que o povo consome torna-se aquilo que o povo quer, e o consumo, também cultural (livros, jornais etc.) é mensurável matematicamente, mas sabemos que, com frequência, também o consumo é induzido pela moda e pela publicidade.

O assunto não é banal. Vêm à baila escolhas políticas em nível mundial que dizem respeito ao cuidado da vida e dos direitos e que não podem ser consideradas lícitas apenas porque uma sondagem revela que a amostra escolhida esteja de acordo.

Se a maioria sustenta que a pena de morte é uma punição justa isto não quer dizer que o seja de fato. Se a maioria sustenta que o aborto é um direito a ser defendido assinando a livre escolha de matar, isto não quer dizer que seja uma ação justa.

Há, portanto, uma distinção a ser feita, entre *dôxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento certo). O que se mede a partir da opinião pública, sobretudo por meio das sondagens deveria ser interpretado como uma *tendência*, quase como a disposição de espírito da população naquele determinado momento e não como uma verdade científica, *episteme*.

A participação à vida pública, por meio do exercício da cidadania requer atividades e experiências que iluminem de maneira aprofundada os problemas e encontrem as respostas e propostas concretas.

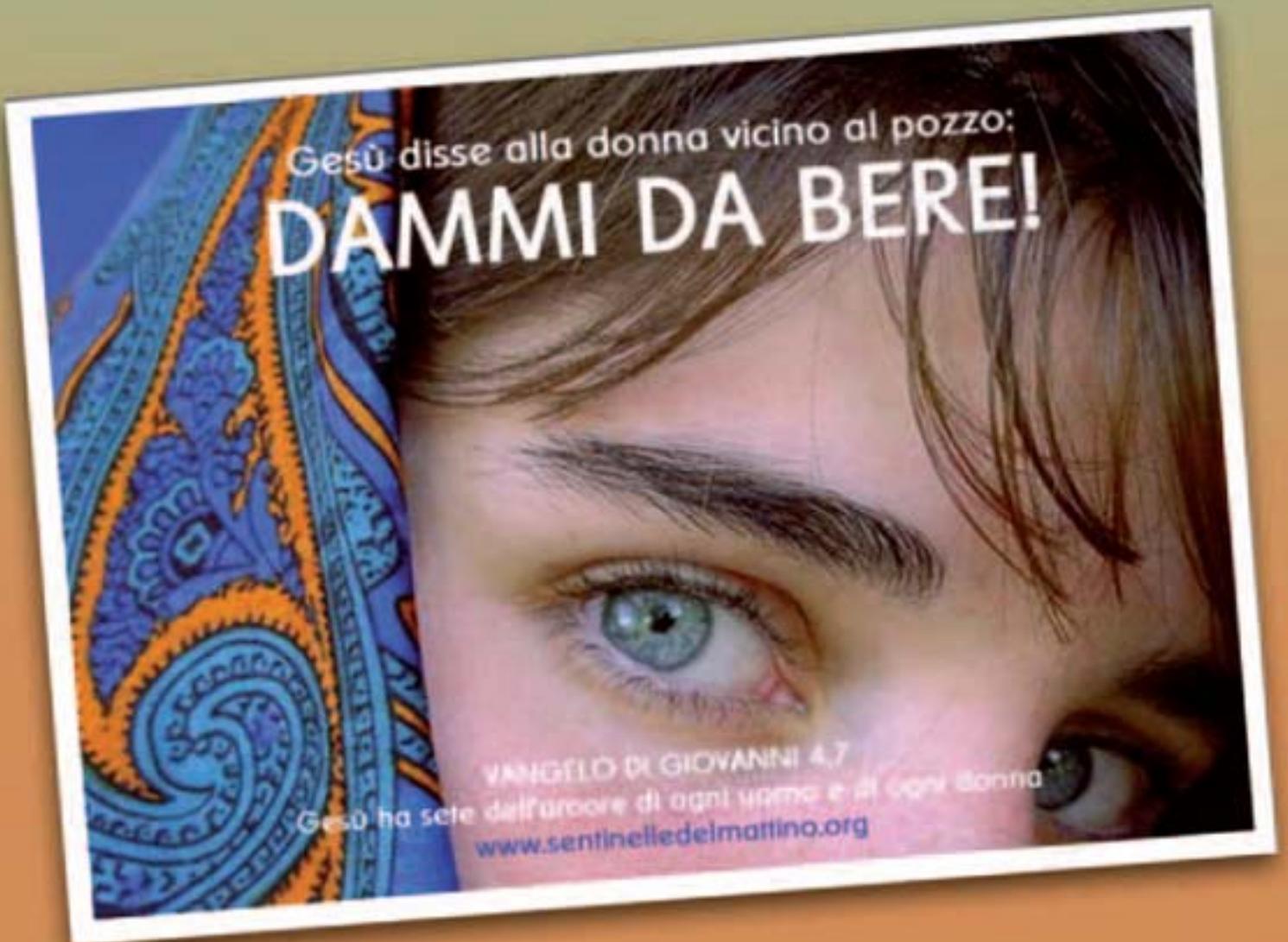
Eis porque a Igreja, quando faz propostas fortes, não se preocupa com consensos. Uma razão é manter aberto o diálogo com todos os representantes da sociedade civil, da política, das diversas confissões religiosas; outra razão é fazer escolhas para atrair acordos.

É importante, portanto, escutar as instâncias de grupos, associações, movimentos que, mesmo se não suscitam consensos, podem ajudar a procurar a verdade e a justiça em vista do bem comum.

Mas, quem forma a opinião pública? Muita coisa é atribuída à mídia, à informação que, com frequência, segue modelos ideológicos e interesses particulares. Interferir em campo educativo, neste ponto, significa ajudar a sair da lógica do consenso e conferir instrumentos de avaliação crítica que visem ao bem comum, à justiça, à verdade.

inserto dma

*Ele me fazia  
vislumbrear  
um horizonte  
distante...*



## SUPLEMENTO

### Ele me fazia vislumbrar um horizonte distante

*Era a tarde de um domingo. Dezenas de jovens se alegravam, brincavam e corriam pelo pátio preparado por Dom Bosco, uma espécie de primeiro oratório. Para aqueles jovens, que trabalham a semana inteira nos estaleiros e fábricas, o domingo é esperado como dia de festa, para distrair-se, mas também para “nutrir” a própria alma.*

*«Naquele dia pude fazer a minha santa Comunhão com meus irmãos, portanto estava de fato contente – lembra José Bozzetti, um pequeno pedreiro de 10 anos, emigrado da Lombardia com os irmãos, que agora está observando os seus coetâneos, no oratório. Dom Bosco havia saído da igreja e fazia recreio conosco, contando-nos os mais interessantes acontecimentos do mundo (...). Quando me aproximei de Dom Bosco para cumprimentá-lo enquanto ele se entretinha falando com os que lhe beijavam a mão para ir embora, segurou-me pela mão, como se o fizesse sem perceber. “Oh! O que vai me acontecer?” pensava eu. Tentei uma, duas vezes livrar-me e não consegui. Então, deixei que todos saíssem e, depois, ficando quase sozinho, fiz um último esforço para despedir-me de Dom Bosco e voltar com meus irmãos. A tarde havia avançado. Naquele momento Dom Bosco, como se não tivesse feito de propósito, aproxima-se de mim e vendo-me sozinho me disse: “Muito bem, estou contente por poder lhe falar. Diga-me, você viria morar comigo?”.*

*“Morar com o senhor? Como assim?”*

*“Você é pedreiro, não é mesmo? Pois bem, gostaria que me ajudasse a construir muitas outras casas”.*

*“Imagine! Sou apenas um ajudante. Carrego os materiais; talvez neste ano poderei obter a colher de pedreiro”.*

*“É disso que temos necessidade. Então você está disposto a vir?... Preciso encontrar aqui e ali jovens que queiram me seguir na obra do Oratório. Você seria um deles. Está disposto a aceitar?”.*

*“Mas aqui com o senhor, o que vou fazer?”.*

*“Começarei por proporcionar-lhe um pouco do ensino elementar, quero ministrar-lhe os primeiros rudimentos da língua italiana e depois, da latina e, se Deus permitir, a seu tempo poderá tornar-se seu sacerdote”.*

*Eu, face a face com Dom Bosco, que me dizia estas coisas, parecia estar sonhando. [...] Tinha sempre diante de mim Dom Bosco que me fazia descortinar um horizonte distante e a esperança de permanecer com ele».*

## A tulipa amarela e os direitos

*Giancarlo Bregantini, bispo, "Queridos jovens escrevo para vocês", Elledici 2007*

*Era uma vez um jovem vivaz, Luigi, que comprou uma bela muda de tulipa. Uma só, única. E enquanto se encaminhava para plantá-la perguntou a si mesmo curioso: "Mas qual será a cor desta tulipa? A cor já está no interior da muda. Eu não a criei, é um dom secreto que a flor encerra em si. Espero apenas uma coisa: plantá-la com cuidado, cultivá-la com amor possibilitando-lhe o sol necessário em cima do meu balcão, um pouquinho de água todos os dias e... saber esperar. O resto, a muda faz sozinha. Não ocorre fazer-lhe violência. Se sei esperar com confiança, verei a sua cor".*

*Certa manhã de março, a planta brotou. A flor era de uma fantástica cor amarela, daquele amarelo ouro que evoca o fascínio pela eternidade. Mas alguns dias depois a irmãzinha Chiara lhe fez notar a beleza da tulipa que ela havia plantado. Era vermelha. Para Luigi surge um confronto imediato: "Mas, a minha é mais bela". "Não, ambas são belas" – disse a irmã.*

*"Por que não as colocamos próximas? Juntas são mais belas".*

*"E agora, onde as vamos pôr?" Pediram conselho ao papai que disse: "Na sala de visitas, para que todos as admirem, ali iluminarão a casa toda".*

*Chiara e Luigi, sentados no divã, ficavam absortos contemplando aquele milagre. Uma cor recebida como dom, mas enriquecida pelo empenho deles.*

**Os direitos** já estão dentro do coração de cada um de nós, como a cor está dentro da muda. Os direitos existem, mas devem vir à luz, ser esclarecidos, explicados, difundidos, reconhecidos.

Cada um de nós deve ficar satisfeito com aquilo que é e com aquilo que tem.

Nem oposições, nem invejas, mas alegria pela cor do outro, pelo seu direito natural reconhecido.

**Juntar as cores** para fazer delas uma única composição. Os teus direitos se unem aos meus, sem fazer prevalecer nem os meus, nem os teus. É a grande aventura da cooperação. É a busca do bem comum. É a política, na sua nobre expressão, porque resulta na mais elevada forma de caridade, isto é, de dom.

[mborsi@pcn.net](mailto:mborsi@pcn.net)  
[arcristaino@cgfma.org](mailto:arcristaino@cgfma.org)

jovem. com

Maria Antonia Chinello

Lucy Roces

## Pequenos valentões crescem e navegam na web

**Músculos, adeus. Agora bastam um computador e um telefone celular.**

**Tempo atrás, para forjar os valentões eram suficientes certas características físicas e psicológicas.**

**Com a Internet, não há mais necessidade disso.**

**As histórias da *agressividade eletrônica* multiplicam-se em todas as latitudes.**

**Uma primeira defesa é a de colocar *on-line* poucos dados pessoais e escolher senhas pouco intuitivas.**

**Mas não basta.**

Para os jovens, acessar a Internet com o celular é uma brincadeira. A partir de algumas pesquisas pode-se perceber que o celular é utilizado para fazer vídeos ou fotos que serão colocados em Rede, onde a grande maioria navega para ver vídeos-clip rodados na escola. A Rede permite aos "digitais natos" ampliar as relações e as amizades, conhecer outras realidades e explorá-las sentados diante do monitor. Infelizmente, porém, na Internet encontram-se também sites que instigam à agressividade, à violência, à pornografia, à criminalidade.

Ultimamente, as mídias tradicionais servem de caixa de ressonância às notícias que relatam fatos de valentia eletrônica. Estas novas formas têm encontrado, sobretudo no *YouTube* (DMA 3-4/2008), um canal de amplificação fácil, a ser usado pelos jovens, que se tornam protagonistas em "escala mundial".

Os "valentões do terceiro milênio" não se limitam mais a atormentar os colegas de escola com insultos, agressões físicas ou complôs para isolá-los dos outros. Os *cyber prepotentes* têm muitos nomes: *ladrões de identidades*, entram na conta dos outros e mudam sua senha bloqueando o acesso ao legítimo proprietário; *invasores da vida privada* com o sms e o tilintar do telefone em plena noite, enviam textos e fotos digitais comprometedoras.

### O Cyberbullying

O termo inglês *Cyberbullying* ("agressividade eletrônica" ou "agressividade na Internet") indica a utilização de informações eletrônicas e dispositivos de comunicação como o correio eletrônico, os *instant messenger*, os *blogs*, os SMS, os MMS, o uso de sites web, com conteúdos difamatórios, para efetuar ações de agressão ou molestar uma pessoa ou um grupo por meio de ataques pessoais.

Tratando-se de fenômenos recentes e ligados à evolução e difusão das tecnologias para a comunicação, no momento encontra-se muito aberto o debate entre os pesquisadores para saber se a *agressividade eletrônica* é considerada uma nova forma do antigo fenômeno (a *agressividade* "tradicional") ou se deve ser considerada como alguma coisa de **qualitativamente diferente**. Para a confirmação da primeira hipótese, há algumas buscas indicativas de que os indivíduos que agem como agressores nas relações sociais tendem a recorrer muito mais do que os outros, à *agressividade eletrônica*. Ao mesmo tempo, algumas características da *agressividade eletrônica* parecem aumentar e diversificar a esfera de ação da *agressividade* "tradicional", contribuindo para modificar nela alguns aspectos. A *agressividade eletrônica* permite um maior anonimato com relação ao imediato ou mediato de tipo social; anonimato que pode diminuir o sentido de responsabilidade da parte de quem age, permitindo a ação degradante também por parte de indivíduos que no conflito social imediato não encontrariam a força para reagir. A *agressividade eletrônica*, além disso, tendo sua função revestida pela imagem, resente mais do que a

*agressividade* "tradicional" a influência da mídia e das modalidades e conteúdos por ela transmitidos.

## O que fazer?

Existe uma difusiva ignorância sobre o assunto, especialmente entre os pais, os quais, com frequência, desconhecem o que fazem seus filhos. Pesquisas nos Estados Unidos revelam que é urgente tornar os pais cientes das amizades e das relações que os filhos mantêm, não apenas *on-line*. Somente 15% dos adultos admitem a existência do problema.

É importante que as escolas programem percursos educativos para ensinar, pais, professores, pessoal não docente e os próprios estudantes a usufruir e a produzir com as novas tecnologias. Porém, as competências técnicas não são suficientes. A solução dos problemas quanto ao uso da Internet e das novas tecnologias por parte dos menores – afirma Laura Sturlese, presidente do *Centro de Estudos Menores e Mídia* – está “na tomada de consciência de que a educação para um uso crítico e responsável - nos dias de hoje totalmente insuficiente - pode não apenas não limitar, mas ajudar o desenvolvimento equilibrado das crianças e dos jovens”. Trata-se de:

- conscientizar a respeito das formas de agressividade eletrônica e da sua difusão
- educar para um uso correto da Rede e responsabilizar pela matéria que se publica: as palavras “ditas” em Rede são descartáveis, imprimíveis e, em alguns casos, puníveis pelas normas da lei
- ensinar a produzir conteúdos áudio-visuais de qualidade
- adotar critérios claros e precisos para regular a utilização das tecnologias por parte dos jovens
- envolver na reflexão, as autoridades locais e os especialistas para empreender ações em defesa dos menores
- denunciar, por meio de canais apropriados, os atos de agressividade eletrônica, pedofilia e pedo-pornografia.

### **Diário em Second Life**



*Já se passaram-se alguns meses desde o nosso último encontro. Hoje entrei em Second Life com um numerosíssimo grupo de amigas. Infelizmente havíamos escolhido um “péssimo horário”... não havia ninguém rodando, pelo menos na parte italiana, enquanto, ao invés, na parte oriental mais uma vez não me foi possível aterrissar porque... estava muito cheia. Em SL não há limites de espaço, mas sobretudo, de tempo... Vou precisar decidir-me a mudar, se não... corro o risco de não fazer amizades.*

*Dizia que, com as minhas amigas reais divertimo-nos para voar de cá para lá, para trocar de roupa, para mudar a aparência do avatar. Imaginem que, a um certo ponto, dei um click desastrado, encontrei-me com cauda de gato e orelhas de raposa... Ainda bem que não havia ninguém na Praça de Espanha, em Roma!*

*É melhor ir para outro lugar... Oh, há pessoas sentadas, imóveis como se estivessem dormindo. Procuo ligar o botão, mas... nada acontece. O que estarão fazendo, talvez ? pergunto-me. Decido então levantar-me e... milagre! um coro de protestos (obviamente escritos)! Albamattutina (que antes dormia placidamente quase sobre a minha cabeça) me diz: “Mas, onde vai? Está sentada? Não sabe que deste modo pode ganhar uns 10 dólares? O queeeeê? Respondo – Modo fácil para ganhar dinheiro, mas eu prefiro procurar gente com quem falar! De outro modo, o que vale percorrer os espaços virtuais de SL se não nos “encontrarmos”? Pensando bem, porém, deverei experimentar, ao menos para verificar se é exatamente assim. Deste modo obterei uma pequena soma de dinheiro com a qual ter acesso aos espaços, a pagamento. Da próxima vez lhes direi como foi! Sua **Adelphie Pastorelli**.*

*la me esquecendo, deixo-lhes uma foto feita em SL... uma outra “recordação” eletrônica!*

## O PONTO

Palma Lionetti  
[ipalma@email.it](mailto:ipalma@email.it)

# Jovens migrantes

“Proteger” parece ser o verbo mais usado quando se fala, em nível institucional, sobre a imigração... proteger o próprio território com todos os meios, da presença de pessoas provenientes de outros países, não conseguindo propor um modelo de integração que favoreça, no cotidiano, a confirmação dos direitos humanos e a possibilidade de que multidões de mulheres e homens procurem na sociedade do bem-estar uma possibilidade de sobrevivência.

No relatório do Departamento de serviços econômicos e sociais das Nações Unidas, divulgado em 2007, faz-se uma previsão, relativa aos próximos anos, sobre os países que serão os maiores destinatários de imigrantes estrangeiros: Estados Unidos (1,1 milhões por ano); Canadá (200.000); Alemanha (150.000); Itália (139.000); Reino Unido (130.000); Espanha (120.000); Austrália (100.000). A ONU calcula que uma pessoa sobre 35 vive ou trabalha num país diferente daquele onde nasceu e que a população imigrante dobrou nos últimos 35 anos. Isto quer dizer que 175 milhões de pessoas residem num país diferente daquele em que nasceu.

Seguramente, o vasto processo de globalização em ato no mundo, traz consigo uma exigência de mobilidade que obriga, sobretudo, numerosos jovens a emigrar e a viver longe de suas famílias e do seu País.

O Governo suíço e a União Européia financiaram um vídeo para a “Campanha de prevenção dos riscos da imigração ilegal”, promovida pelo OIM - Organização Internacional para as Migrações – que reúne 120 Nações. O vídeo foi para o ar durante o intervalo da partida de futebol Suíça-Nigéria, no mês de novembro passado. Rodado em francês, com legendas em inglês, foi visto por milhões de pessoas na África. Fala de um jovem africano, sem moradia, que vive na Europa e chama o pai de uma cabine pública de telefone para saudá-lo. O pai lhe pergunta: “como vai”. O filho responde: “tudo bem”, enquanto ao fundo rolam as imagens de um desembarque de clandestinos. O pai insiste e pergunta ainda: “você me esconde alguma coisa?”. O filho responde: “estou cansado, corri o dia inteiro”.

Ao fundo, aparece o jovem, desesperado, perseguido pela polícia pelas ruas de uma cidade que pode ser qualquer uma das cidades européias.

São os jovens, particularmente, que acabam caindo nas armadilhas dos exploradores sem escrúpulos que os transformam em objeto de violência física, moral e sexual.

Hoje a palavra e a ação pastoral não podem mais ignorar o realismo da mobilidade humana nem passar por cima de suas expressões mais cruéis, quando a injustiça, a exclusão e a miséria afligem a vida dos migrantes, sobretudo dos jovens. A ação pastoral torna-se, então, grito e luta apaixonada transformando-se, no plano pastoral, em *trabalho* pela sensibilização e criação de redes de informação, e em *ação* para fortalecer e dar consistência aos projetos, aos percursos feitos junto aos migrantes a fim de que possam se tornar protagonistas da sua história.

## ESTANTE SITES

# Recomendação de sites interessantes

Anna Mariani

<http://www.unhcr.it/>

Site internacional em italiano, francês e inglês do UNHCR (*United Nations High Commissioner for Refugees*, Agência ONU para os Refugiados). Fornece informações sobre a organização e sobre suas atividades, sobre os direitos dos refugiados em geral, estatísticas e relatórios sobre vários países nos quais trabalha, documentações oficiais do alto comissariado e coleção dos impressos internos à organização. É um site que se propõe sustentar campanhas em favor dos refugiados para combater a intolerância: os refugiados, de fato, com frequência se encontram enfrentando, além da intolerância que os obrigou à fuga, uma nova intolerância no país de asilo que solapa a sua integração e torna a sua vida ainda mais difícil. Convida a sustentar os refugiados regularmente com uma pequena doação dando, a todos, a oportunidade de começar a fazer parte dos "Anjos do UNHCR".

[www.ecre.org](http://www.ecre.org)

Site Oficial do *European Council on Refugees and Exiles* (ECRE – Conselho Europeu para os Refugiados e Exilados) – organização constituída por 68 pessoas membros empenhados por vários títulos na assistência e na tutela dos refugiados, em 25 Países. Permitem encontrar informações, documentações e comentários sempre atualizados e aprofundados sobre a situação, as problemáticas e as políticas relativas aos refugiados.

<http://www.unitedagainstracism.org/>

Site do *network* europeu *United for Intercultural Action* empenhado em atividades contra o racismo, o nacionalismo, o fascismo e na defesa dos direitos de migrantes e refugiados. A rede é baseada na cooperação voluntária de mais de 500 organizações de 49 Países. Além de denunciar as várias formas de discriminação de migrantes e refugiados, o site fornece informações sobre os direitos e sobre as numerosas campanhas e iniciativas que o *network* põe em ato. *Nas línguas: inglês, francês e alemão.*

<http://www.sos-racisme.org/>

Site da organização anti-racista *Sos Racisme*, nascida na França e hoje transformada num movimento internacional presente em diversos Países, onde se podem encontrar denúncias sobre as diversas formas de discriminação e informações a respeito das atividades do movimento anti-racista internacional. *Em francês.*

<http://www.errc.org/>

Site do *European Roma Rights Center* (ERRC), organismo internacional empenhado em campo legal a favor dos direitos das comunidades *rom*. Com sede em Budapeste (Hungria), o ERRC oferece um rico site web no qual são facilmente encontrados, entre outros, relatórios-País, comunicados da imprensa e links internacionais. *Língua: inglês.*

<http://www.eumc.at/>

Site do Observatório europeu sobre o racismo e a xenofobia (EUMC) que contém o Relatório anual e outras informações sobre a situação europeia em matéria de xenofobia e racismo. *Nas línguas: inglês, francês, alemão.*

VÍDEO - Mariolina Parenteler

## ***Reign over me***

de Mike Binder – USA – 2007

Este belo filme nos oferece uma história sem dúvida tocante e incrivelmente humana. Mas quem o viu? Poucas pessoas certamente porque, não obstante as apreciações do cartaz, o dramático episódio de Charlie Fineman, misterioso sobrevivente do 11 de setembro, foi apresentado por pouquíssimas televisões. Não é um filme sobre o 11 de setembro. Antes, sobre um homem envolvido por uma desgraça familiar e, sobretudo, sobre o valor terapêutico da amizade. Sim, “Reign Over Me” apóia-se, desenrola-se e gira em torno destes dois pontos cardeais. Temas fortes e delicados ao mesmo tempo: a força da amizade e a perda dos próprios entes queridos. Dois temas para uma cidade ‘sinfônica’ mas também simbólica, em positivo e em negativo como Nova York, vista através dos olhos do povo simples. Dois temas não circunscritos aos mil fatos e situações em que a solidariedade resta o único conforto possível.

“Eu sempre desejei produzir alguma coisa sobre a amizade”, afirmou Mike Binder, cenógrafo e diretor de *Reign over me*. “Todos nós temos necessidade de ter ao lado uma pessoa que nos ajude a superar os períodos difíceis. O tema central deste filme é o diálogo e os protagonistas são dois homens que, juntos, aprendem a comunicar.

É também uma história de ternura a respeito de como a amizade (o bem mais profundo que os seres humanos possuem, enquanto forma de amor, acrescenta Binder) possa aliviar a dor e a perda”.

Uma obra de qualidade mesmo se, não perfeita: leal, comovente e, somando tudo, corajosa. Sabe envolver, misturando com harmonia os tons da comédia aos do filme dramático. Ótimos, o desempenho artístico e a trilha sonora.

### **Sobreviver e viver em Nova York**

‘Amor, reina em mim’ cantam os *Who* na celeberrima canção *Love, Reign Over Me*, da qual é extraído o nome do filme. Um dos tantos sucessos dos anos 70 que o protagonista Charlie Fineman escuta com fone de ouvido a todo volume enquanto, solitário vaga pelas ruas de Nova York com o seu curioso mono-patins a motor. E é exatamente o amor que o terrorismo arrebatou de sua vida, sem piedade. “Eu estava em Nova York no 11 de setembro de 2001 – declara o diretor na Sala de Imprensa. Estava fazendo uma cobertura televisiva sobre a ABC, quando improvisamente fizeram um corte para mandar ao ar as imagens do ataque. Naquele dia rodei pelas ruas, vi cenas e pessoas destruídas. Em seguida, três dias depois, voltei aos mesmos lugares com a minha família. Caminhar por aquelas mesmas ruas me fez pensar que há pessoas para as quais aquele dia não mais terminou. Comecei a ler o argumento, em particular o livro “102 minutos”, de Jim Dwyer e Kevin Flynn que me arrasou e me fez tomar a decisão de relatar, não a tragédia, mas o que acontece depois de um evento tão devastador. Pode ser o 11 de setembro mas também o Katrina ou o Tsunami. Quis fazer o relato de pessoas para as quais a vida não será mais como antes”. É assim: *Reign Over Me* interpreta com grande intensidade as conseqüências que a agressão deixou sobre a existência cotidiana dos seus habitantes. O esforço que fui obrigado a fazer para reelaborar, ao lado e dentro do drama coletivo, lutas e perdas vitais, as mais íntimas e particulares. Em *Reign Over Me*, o drama é o de uma família que não existe mais. Charlie Fineman (o habilíssimo ator Adam Sandler, totalmente inédito num papel de dor e de resgate)

perdeu a mulher e as três filhas. Desde então já são passados cinco anos. Charlie os transcorreu erigindo um muro sempre mais sólido entre si e o mundo, na tentativa de remover a lembrança da vida que nunca mais poderá ter. Deixou o trabalho para se entocar no seu apartamento, onde passa o tempo entre uma coleção de discos e videogames monstruosos. O encontro casual com Alan Johnson, consagrado dentista em Manhattan e seu antigo companheiro de universidade, (um ótimo Dom Cheadle – ator que consegue dar vida aos matizes mais sutis do personagem que assume com empenho) o obrigará a enfrentar os seus problemas interiores, encaminhando-o lentamente para uma possível cura.

A história se desenrola em meio à desorientação de uma cidade como Nova York e dos seus habitantes, todos mais ou menos em crise, incapazes de comunicar. E, como no caso do dentista, sedentos de alguma coisa que vá além do prestígio ou da afirmação social com a sua vida agitada, com os seus mecanismos pré-estabelecidos; de certo alento, mas também com o risco de implodir.

Mike Binder, diretor e cenógrafo, dirigiu o filme conseguindo não romper, na obra, o frágil equilíbrio entre as partes dos dois protagonistas. Um trabalho decididamente bem feito que, com frequência, trata argumentos difíceis com leveza (não faltam as cenas alegres) não permitindo o patético. Segue, ao invés, em nível de reflexão e de intensidade humana inesquecível, por exemplo quando Charlie – finalmente – afronta pela primeira vez junto com o amigo, a lembrança da tragédia vivida.

## PARA FAZER PENSAR

### Sobre a idéia do filme

- **Partir de um dos eventos mais negros da nossa história moderna não para restituir sua crônica, mas para extrair dela um filme sobre a força da amizade, sobre o amor e sobre a dor. A história de dois amigos que, reencontrando-se, encontram-se a si mesmos e as suas vidas.**

*Reign Over Me* coloca em cena a história de dois homens que, mesmo de maneira muito diferente, se sentem tragicamente solitários, enquanto não descobrem poder contar um com o outro. É por acaso, que Charlie encontra seu antigo companheiro de quarto do tempo de colégio, Alan, no ângulo de uma rua de Manhattan. Mas, enquanto decide ajudá-lo a retornar à vida, reconhece que ele próprio tem necessidade de ajuda. A amizade une assim duas personagens opostas; uma perfeitamente integrada, a outra, excluída. Um elegante, o outro todo desleixado. Um “retido/contido”, o outro “excessivo”. Além disso, parece ser exatamente a diferença a alimentar a sua recíproca confiança. E este relacionamento de influência recíproca é expresso também simbolicamente nas seqüências de abertura e de fechamento do filme. No início aparece Charlie que caminha pelas ruas de Nova York com seu mono-patins a motor. No final do filme é focalizado Alan percorrendo de novo as mesmas ruas, com o mesmo meio. Charlie e Alan são, então, transformados, mas cada um deve alguma coisa ao outro, porque a relação nascida entre os dois ativou em ambos o desejo de não render-se e de ir adiante. Cada um a seu modo, mas ambos para o melhor.

### Sobre o sonho do filme:

- **Focalizar a dificuldade de comunicação com a qual sofrem os dois amigos e criar um gancho que envolva, apesar da distância, o espectador estranho aos fatos.**

“É também um filme sobre o poder curativo da comunicação”, explicita o diretor. Eu quis relatar a história de dois indivíduos que não têm ninguém com quem desabafar o seu mal-estar e seus sentimentos. Por diversas razões vivem numa situação de incapacidade comunicativa. A minha história se resolve quando ambos encontram o modo de contar sobre si mesmos”.

É assim, de fato, que prossegue também o filme, e propõe uma abertura ao público não apenas a respeito do tabu criado pelo evento do atentado em Nova York, mas com relação àqueles sobre

os quais atuam os rituais sociais ou os stress com ritmo ininterrupto que caracteriza a nossa cultura *eficientista*, corrompe-nos, desequilibra as nossas convivências e relações. *Reign Over Me* é a história de uma amizade que se torna uma história sobre a amizade e sobre como a amizade pode curar, sanar a dor. O filme inteiro fala de comunicação, desenvolvendo a recuperação de uma relação entre amigos 'reencontrados' que, juntos, aprenderão a força de "começar a falar".

## ESTANTE VÍDEOS

### **Eu, o outro**

Mohsen Melliti - ITÁLIA – 2007

A Sanmarco Film, sociedade de Raoul Bova, é co-produtora de "Eu, o outro" de Mohsen Melliti, escritor e jornalista tunisino exilado na Itália há quase 20 anos. O filme fala a respeito de uma humanidade corrompida pelo preconceito e pela desconfiança. O jogo é feito a dois (atores: o próprio Raoul Bova e Giovanni Martorana), mas denuncia e evoca um fenômeno universal. Isolados entre, pesca, mar aberto e mensagem de rádio, passarão da amizade à suspeita, da desconfiança recíproca ao drama, nos moldes do terrorismo e da guerra de civilização.

A história é a seguinte: o pescador José e Yousef – um exilado tunisiano na Sicília – são amigos há muitos anos. Trabalham juntos e juntos decidiram comprar um barco pesqueiro, colocar-se nele e fugir da exploração e dos chefes. Ao largo das costas sicilianas a rádio de bordo, lhes traz a notícia de um homem com o mesmo nome e nacionalidade de Yousef, procurado pela polícia italiana, pela matança de Madri e a suspeita se insinua na mente de José. Inicia-se assim a representação a dois que reflete o "desencontro da civilização" em que vivemos e conhecemos. Num persistente turbilhão de incertezas e incompreensões, a situação se precipitará dificultando sempre mais a relação entre os dois amigos caracterizados de modo profundamente humano, bem talhados e autênticos, ambos alternativamente "acusado" e "acusador", ambos vítimas e carrascos, num conflito psicológico feito de desconfiança e agressividade. O autor de quem foi justamente escrito: "O seu filme gira pelo mundo, mas o diretor não pode" (estando no exílio) – é decididamente sincero. Demonstra habilidade na direção dos atores e nos diálogos (jamais inúteis ou banais), como também na vontade de enfrentar um tema político tão debatido e central. Faz a escolha feliz de ambientar o episódio inteiramente a bordo de um barco, espaço hostil e isolado que, na sua impessoalidade, traduz bem o drama dos dois, igualmente "vítimas" de algo maior que eles, imersos num "mar hostil" que os supera e se faz metáfora. Este filme propõe-se como uma oportunidade formativa e se presta aos debates sobre o racismo que podem conduzir a uma auto-crítica lúcida e construtiva.

### ***Ratatouille***

Brad Bird - USA 2007

Por toda a vida, continua-se “a degustar a infância”, escreve a célebre caneta de Tonino Guerra. O quanto seja verdadeira a afirmação, cada um de nós continua a experimentar cada vez que reencontra um sabor esquecido. É o que acontece também com o inflexível crítico gastronômico Anton Ego (nome não casual), quando experimenta “ratatouille” o saborosíssimo prato preparado pelo ratinho-chefe Remy. Mas como: um rato no fogão? Estamos no mundo dos desenhos animados, naquela maravilha de cores que toma exatamente o nome de Ratatouille. Cinco indicações para o Oscar foram recebidas por esta brilhante longa-metragem animada (inteiramente digital): \*melhor filme de animação\*, \*melhor trilha sonora. \*melhor edição sonora, \*melhor áudio, \*melhor encenação original. “Com os seus 70 mil desenhos, é uma grande festa de efeitos, de movimentos de máquina e de sutilezas psicológicas, tempo atrás inimagináveis” – comenta Maurizio Porro. “Ratatouille” torna o momento apaixonante e, com a sua mensagem, relança o público: convida a perseguir os sonhos a todo o custo. É a certeza americana de que trabalhando sem jamais perder o ânimo pode-se chegar aonde quer que seja.

Ambientado pelos dois árbitros na grande cozinha, relata como o pequeno Remy, fugindo de uma desratização, encontra-se no mais elegante restaurante parisiense dando conselhos gastronômicos a um pobre ajudante de cozinha que, junto com ele, se torna *superstar*. Um ratinho que ajuda os humanos - mas não esquece os amigos (a sua turma faminta) - mesmo se não compreenderam nem encorajaram o seu talento/vocação. No final leva todos à cozinha para tornarem-se co-protagonistas de um sucesso verdadeiramente exemplar: “conseguir”- “juntos”.

Enfim: ao propor-nos este relato moral sobre o “doce otimismo da vontade” («perseguir os teus sonhos com todo o prazer que pudes»), o diretor acrescenta: ‘Atenção! Impossível crescer, vencer, “realizar-se” sem Mestre’. E nos prepara uma série de eventos nos quais Remy encontra-se assistido pelo espírito-guia do chefe por ele reverenciado Auguste Gusteau. Em suma, a obra é uma maravilha: vivaz, dinâmica e tecnologicamente perfeita.

## ESTANTE LIVROS

# O vento e a rocha

G. D. Mazzocato

Anna Maria Feder Piazza: uma figura singularíssima de mulher e educadora. Educadora ela o foi sempre, fora de todo esquema convencional, não só como animadora do escotismo feminino e professora de letras na escola média, mas em toda parte por onde entrou em contato com pessoas necessitadas de ajuda, coragem, orientação.

Na grande casa aberta por ela e pelo marido (o notável pintor e escultor Francesco Piazza) uma multidão de amigos lá encontraram muito mais que um simples salão literário: a casa tornou-se um lugar de acolhida, um lugar para todas as pessoas, de qualquer condição social ou pertença ideológica. Um verdadeiro porto de salvação, também, para alguém frustrado ou derrotado pela vida. Foi, porém, a doença que abateu Anna em pleno florescer deste seu mundo de relações e trabalho e que revelou completamente a estatura espiritual desta mulher inquieta e extraordinária.

Destruída pelo câncer que a levará à morte e constatando a transformação produzida nela pelo mal, escreve: “Há alguma coisa dentro de nós que floresce, desabrocha, dá sentido e sabor às coisas, apesar de nós mesmos, e verdadeiramente isto é um milagre... o milagre pelo qual Deus nos despoja e nos empobrece como Davi e depois nos permite abater Golias, sem que possamos gloriar-nos de nada”.

## Nennolina, uma mística de 6 anos

Maria Meo

“Teremos crianças santas...” assim previu S. Pio X quando, nos albores do século apenas transcorrido, abriu aos pequenos o acesso à mesa eucarística. Talvez não previsse que muito breve a agradável profecia iria se realizar ao pé da letra.

Há de fato uma pequena serva de Deus, que morreu em Roma em 1937 com a idade de seis anos e meio, que será logo inserida no elenco dos beatos.

Depois de muita perplexidade, teólogos e psicólogos sentiram-se na obrigação de reconhecer que também uma criança em tenra idade pode atingir o vértice da santidade.

A pequena Antonieta Meo (chamada em família Nennolina) nada deixou de si, além da lembrança no coração dos seus entes queridos e de todos os que a conheceram e amaram, a não ser um punhado de cartinhas. Apenas algumas delas são autografadas, a menina havia freqüentado somente a metade do primeiro ano elementar. Ela as ditava à mãe, no início como por brincadeira, depois num crescente e apaixonado diálogo de amor com Jesus, com as Pessoas da SS Trindade, com Maria. As últimas, ditadas pela pequena com esforço heróico devido à atroz doença que dilacerava o seu corpinho, revelam uma sabedoria da cruz digna dos maiores místicos.

Nennolina foi, todavia, uma menina como as outras: alegre e vivíssima, viveu desde criança o seu excepcional caminho de santidade. E nisto reside não pouco do seu fascínio.

## Rostos e lugares de uma igreja jovem

Mons. Giancarlo M. Bregantin

O conhecidíssimo ex-bispo de Locride revela aqui um outro amável traço da sua grande figura de Pastor: um amor aos jovens, uma atenção ao problema educativo que o induz a encontrar tempo e modo para envolver-se diretamente com eles, com uma linguagem capaz de mediar os grandes valores do Evangelho. Os doze capítulos deste pequeno volume estão organizados segundo o esquema clássico da *lectio divina*: não faltam, no início, as indispensáveis informações para uma correta leitura do texto bíblico, mas as reflexões que se seguem têm o tom de uma sã autenticidade, nada apresentam de convencional; a oração final é vez por vez a feliz “tradução” de um salmo em termos acessíveis à experiência e à mentalidade juvenil. Para o “encontro” segue um daqueles breves relatos-parábolas que são a “especialidade” reconhecida de Bruno Ferrero.

Do mesmo Autor e da mesma editora, elledici, indicamos também *Caros Jovens, escrevo para vocês*. No início de cada ano escolar o bispo havia pensado em atingir os jovens com uma saudação que fosse também uma mensagem sem ser uma pregação, partindo de algum ponto da história mais ou menos conhecido ou realmente do mundo das fábulas que, como se sabe, são a sabedoria secular dos povos. Movendo-se simpaticamente da história de Pinóquio à do Pequeno Príncipe, da lâmpada de Aladim à bíblica história de Ruth.

O LIVRO

## Metade de duas rúpias

Lorenza Raponi – Michele Zanzucchi

São Paulo 2007

É notório que existe um *Prêmio Balzan para a Humanidade, a Paz e a Fraternidade entre os Povos*, mas talvez a indicação deste prêmio, no ano 2000, a um certo Edhi Abdul Sattar, tenha sido ignorada por nós. Se quiséssemos contar a sua história para as crianças, começaríamos assim: era uma vez num distante país um menino que se chamava Edhi. Quando saía para a escola, a mãe lhe dava duas moedas e lhe dizia: uma delas é para o seu gasto pessoal, a outra você deve dar a alguém que tenha verdadeira necessidade... Se voltasse para a casa tendo gasto tudo só para si, a mãe o reprovava, dizendo-lhe que havia usado para si o que *pertencia aos pobres*. Parece uma bela fábula, mas é uma história verdadeira.

Este homem, que se sente chamado por Deus para ajudar todos os que sofrem, talvez seja hoje a pessoa mais famosa do Paquistão (para onde a sua família, muçulmana, emigrou da Índia depois da cisão entre hindus e muçulmanos, no País). Com sua mulher Bilquis (figura maravilhosa de mulher que confere o seu complemento de feminilidade à obra dele), criou o verdadeiro império da solidariedade e da misericórdia. Como a pequena semente do Evangelho, esta obra nasceu do nada. Edhi começou pedindo esmolas nas encruzilhadas das estradas. O seu modestíssimo estilo de vida era a primeira garantia da confiabilidade do insólito mendigo. Começou com a ação de sepultar os mortos (grave problema num mundo de pobres) e continuou num crescendo impressionante. Pouco a pouco a sua fama vai se afirmando, aumentam as ofertas de voluntariado, os dons em dinheiro ou em mil formas diferentes. Ele, porém, prefere os envolvimento ativos e com os pobres não permite uma passividade que avilte a dignidade da pessoa. Nasce, assim, centros de primeira assistência, casas para os retardados mentais e deficientes, berçários espalhados pelos pontos estratégicos da cidade para acolher crianças rejeitadas, refeições para os pobres, assistência legal aos encarcerados, casas para dependentes químicos... Não há situação desesperadora que não encontre em sua obra acolhimento e socorro. As cifras, mesmo se aproximativas, são impressionantes. Fala-se de 16.000 mulheres (e se sabe qual seja a condição de uma mulher sozinha ou abandonada) encaminhadas para trabalhar como enfermeiras e obstetras conseguindo, também, ser inseridas nas estruturas públicas; dezenas de milhares de recém-nascidos recolhidos e alimentados, entre os quais 16.000 dados em adoção. E aqueles que não podem ser adotados? Há os orfanatos, pensados porém, com a inteligência do amor.

A organização da parte feminina ficou por conta de Bilquis. Dois esplêndidos casarões doados por um rico benfeitor foram destinados ao alojamento das meninas e das jovens. Elas não são educadas como ricas senhoritas, têm um teor de vida simples e sóbrio, aprendem a colaborar para manter a ordem e a limpeza dos ambientes, um horário preciso destaca as horas da escola, da recreação, do trabalho. Mas – pensou Bilquis vencendo algumas perplexidade iniciais do marido – estas meninas, uma vez crescidas, provavelmente casadas e talvez às voltas com situações difíceis, lembrar-se-ão de ter vivido numa bela casa e, então, também elas começarão a comunicar harmonia e beleza. Além do ambiente confortável, onde reina a ordem e uma limpeza perfeita, há festas para as jovens, passeios pela cidade ou pela praia, um belo vestido colorido a mais... Providencia-se até a preparação da roupa a ser usada no complicado cerimonial do matrimônio. Isto se faz, habitualmente, num salão da casa, bem decorado. As filhas não devem envergonhar-

se de nada naquele dia que para a sua cultura, é o mais importante da vida. Aquelas que não quiserem ou não puderem casar-se serão encaminhadas para a continuação dos estudos ou para inserir-se, depois de uma preparação adequada, nos centros da fundação. Há na residência uma sala de oração: não uma mesquita, para que os que professam uma outra religião possam também ter acesso a ela.

Sobre a família de Edhi e Bilquis (quatro filhos também envolvidos na admirável empresa) paira a sombra de uma dor indelével. Os avós haviam colocado no netinho Bilal, filho da filha Kudra, toda a sua ternura. Esta criança morreu com quatro anos em consequência das queimaduras provocadas por um jato de água fervendo derramada sobre ela por uma doente mental. A mãe quase enlouqueceu. Foi o momento mais difícil de sua vida, mas o superaram. A terrível prova foi como um selo sagrado sobre a grandeza divina daquela obra. E Kubra, com os seus pais, continuou a trabalhar pelos seres humanos mais infelizes e abandonados, como se encontrasse o filhinho perdido no amor doado a tantas crianças não suas.

Como todo bom muçulmano, Edhi fez a sua peregrinação a Meca: mas, dir-se-ia, com uma certa insatisfação, como se fosse um procedimento formal. Indo visitar os deficientes mentais, atraído por aquela inocente inconsciência, declara sentir-se mais perto de Deus com eles que em Meca.

Viajando pelo mundo islâmico – afirmam os autores desta fascinante *reportagem* – logo se percebe o quanto seja falaz a equação “muçulmano=terrorista”.

Antes de deixarem Karachi, alguém perguntou a Edhi qual é o sentido da sua vida: “Creio em Deus, – respondeu – e creio que ele escolhe as pessoas para os seus fins. Foi Deus quem me escolheu... Foi ele quem tudo fez, eu apenas levei avante... Coloquei toda a minha dedicação no meu trabalho e não aceitei jamais discriminação alguma defronte às pessoas. Foi só com a graça de Deus que cheguei a este ponto”. Palavras que lembram Madre Teresa, o “lápis” de Deus...

## Estrangeiro, quem?

Eu li esta pergunta: Quem é o estrangeiro?

Não sei – nem pretendo – encontrar uma resposta cientificamente exata. Porém, fico pensando (não é filosofia, mas pode servir).

Se estrangeiro é aquele que vem de um outro País, então, logo se diz: eu sou estrangeira para ti, tu para mim, nós duas para os outros e assim por diante. Até o infinito.

Mas é um conceito que ainda acho difícil. No Instituto estou habituada a encontrar sempre irmãs-coirmãs, de qualquer proveniência: irmãs da Ásia ou da Europa, da África, da América ou das ilhas da Oceania. Todas Filhas de Maria Auxiliadora.

E fora do Instituto?... Não é muito diferente: Africano ou Americano, Europeu ou Asiático, todo homem é irmão para mim e todos somos filhos de Deus, feitos à sua imagem. Mesmo se os traços de semelhança não sejam tão evidentes. As diferenças nas aparências não são tão grandes e não impedem de lembrar o catecismo, não é mesmo? Porém, e quem não frequentou o catecismo?

Vem-me à mente, São Paulo: “Não há diferença entre judeu e grego... porque Deus é o Senhor de todos”. Há o irmão pobre e o que sofre de alguma doença... o irmão triste porque deixou sua pátria, o que tem fome... Nenhum deveria ser estranho para mim: todos me preocupam, a todos devo a solidariedade do pensamento e o olhar fraterno do coração.

“*Eu cuido!*” Eis, achei como aplicar esta expressão que um dia uma jovem irmã me explicou (ainda há aquelas que têm paciência com as idosas, com as menos “atualizadas”: assim se exercitarão na arte da didática).

“*Eu cuido!*”: eu me preocupo, eu tenho um coração. Quer dizer que ninguém está fora do meu interesse. Que eu devo dividir com todos, os bens que tenho e, sobretudo, o Bem máximo que possuo: Deus, que é a verdadeira riqueza do coração humano.

Com um pouco de catequese ocasional, sem dúvida; mas, em concreto também com algumas renúncias. Compreendi que devo “tirar o pó” do meu voto de pobreza e daquele belíssimo *cetera tolle*, segundo o que dizem as Constituições: “contentar-me com o necessário, ser grata por tudo o que a comunidade me oferece...”.

Encontrei uma bela resposta para este meu vago (talvez muito!) desejo de conjugar o verbo “*Eu cuido!*”, na Exortação apostólica “Vida Consagrada”, que apresenta no n. 90 (deveria transcrevê-lo inteiro, mas é melhor que cada uma leia e medite) “A pobreza evangélica a serviço dos pobres”.

Devo encontrar algum modo de contribuir, com minhas modestas capacidades e, sobretudo com a minha pobreza, para tornar mais “humana” a vida de quem o Senhor me faz encontrar. O estrangeiro, juntamente com o órfão e a viúva, estava no Antigo Testamento entre as categorias de pessoas consideradas as mais indigentes. Aquelas sobre as quais pode-se medir a atitude de compreensão fraterna e os recursos da caridade. Serão o parâmetro para a medida da nossa santidade?

[Camilla.dma@gmail.com](mailto:Camilla.dma@gmail.com)

## PRÓXIMO NÚMERO

**DOSSIÊ:** **A sacralidade da terra**  
A criação é o sinal do amor proveniente de Deus

**PRIMEIRO PLANO:** **Fio de Ariadne**  
Consumismo

**EM BUSCA:** **Cooperação e desenvolvimento**  
Escola amiga

**COMUNICAR:** **Jovem.com**  
Blog e Redes Sociais

***Pensamento: A única sabedoria  
que podemos esperar conquistar  
é a sabedoria da humildade.  
(Thomas Stearns Eliot)***

# **DIREITOS**

**A democracia,  
o desenvolvimento,  
o respeito aos direitos  
humanos  
e às liberdades  
fundamentais  
são interdependentes  
e se reforçam  
mutuamente.**